

ILUSTRAÇÃO

N.º 235 - 10.º ano





O mundo na mão

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

À venda a 5.^a edição actualizada
DE
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA Biblioteca de Instrução Profissional
pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmico, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada)	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada)	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada)	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um interessante livro para as crianças
A 2.^a EDIÇÃO muito remodelada do
ROMANCE DA RAPOSA

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres. 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA O 5.º MILHAR
JÚLIO DANTAS
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragii — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefer blondes — As revolucionárias do golf — Juris.onsultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homem : :

1 volume de 312 páginas, brochado 12\$00 — encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa
O LIVRO DAS MÃIS
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoeecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MAMÃ!
Conserve-se Nova



Mães, os vossos filhos e filhas gostam que pareceis novas — os vossos maridos também. A ciência sabe agora que a pele se enrugaa e envelhece unicamente devido ao desperdício gradual do Biocel. Este é o elemento vital que mantém a pele clara, juvenil e esplêndida. Podeis encontrar este elemento vital e rejuvenescedor, e de novo parecerdes jovem, pela simples aplicação do novo Creme Tokalon, Cór de Rosa. Por mais amarelecida que possa ser a vossa pele ou por mais profundos que possam ser os estigmas da idade, experimental, esta mesma noite, este Creme Tokalon, Cór de Rosa.

Felizes resultados são garantidos em todos os casos, senão o vosso dinheiro será restituído.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, diri-se à **AGÊNCIA TOKALON (Secção I. L.)**
88, Rua da Assunção — LISBOA
que atende na volta do correio.

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**
encontram-se á venda na
MINERVA CENTRAL
Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212
LOURENÇO MARQUES

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa , por Aubrey F. G. Bell (tradução), br.	3\$00
Comentário leve da Grande Guerra:	
I— <i>Europa em guerra</i> (esgotado).	
II— <i>O Homem, lobo do Homem</i> —304 págs., br.	10\$00
III— <i>Portugal em Campanha</i> —299 págs., br.	10\$00
IV— <i>Latinos e Germanos</i> —319 págs., br.	10\$00
V— <i>A Carranca da Paz</i> —316 págs., br.	10\$00
Ensaio sobre educação:	
I— <i>Educação e Ensino</i> —317 págs., br.	10\$00
II— <i>Casa de Pais, Escola de Filhos</i> —248 págs., br.	10\$00
III— <i>Educar, na Família, na Escola e na Vida</i> —352 págs., br.	10\$00
IV— <i>A mãe de todos os vícios</i> —293 págs., br.	10\$00
Homem (O), a ladeira e o calhau —br.	10\$00
Jardim da Europa .—br.	10\$00
Ler e tresler .—br.	10\$00
Lição moral e cívica , dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais.	3\$00
O pintor Carlos Reis .—1 fol. formato grande.	4\$00
Três prosas (As)—A pobre, a rica e a nova rica .—64 págs., br.	3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico).—1 vol. com 345 páginas, brochado.	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance).—388 páginas, brochado.	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado.	20\$00
Lendas e Narrativas —2 vols. com 667 páginas, brochado.	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos).—8 vols., brochado.	96\$00
Estudos sobre o casamento civil —284 páginas, brochado.	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal —3 vols., 1.139 páginas, brochado.	30\$00
Composições várias —374 páginas, brochado.	10\$00
Poesias —224 páginas, brochado.	10\$00
Cartas (Inéditas)—2 vols. com 586 páginas, brochado.	20\$00
Opúsculos:	
Vol. I <i>Questões públicas</i> —tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> —tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> —tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> —tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> —tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> —tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> —tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> —tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> —tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> —tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio—1 vol. de 324 páginas, brochado.	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela)—276 págs., brochado.	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela)—276 págs., brochado.	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance)—322 págs., brochado.	12\$00
D. SEBASTIÃO —464 págs., brochado.	14\$00
ESPAÑA —Nova edição.	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL —404 págs., brochado.	12\$00
LEONOR TELES (Romance)—395 págs., brochado.	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência)—64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS —328 págs., brochado.	12\$00
SENHORA DO AMPARO —292 págs., brochado.	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações)— <i>Índice</i> : Viagens—A caminho—Chegada—“Plazas y plazuelas; calles e callejones,” A Alcáçova da Saúde—As “Sabatinas,” na catedral—Missa hispano-gótica—Lealdade lusitana—“El greco”—En “San Juan de los Reys,”—Conventos—A Ponte de S. Martinho—O palácio de Fuensalida—Treva!—Certo púlpito!—Último dia, última noite—Volta—226 págs., brochado.	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS —375 págs., brochado.	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER —(Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO —(Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO , Tipos e Casos—320 págs., brochado.	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo)—79 págs., brochado.	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES —356 págs., brochado.	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.)—408 págs., brochado.	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.)—320 págs., brochado.	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance)—353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtará, O remorso, A revolução.)—328 págs., brochado.	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance)—332 págs., brochado.	12\$00
VIA SINUOSA (Romance)—360 págs., brochado.	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance)—308 págs., brochado.	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas)—268 págs., brochado.	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance)—286 págs., brochado.	12\$00
É A GUERRA —Diário da grande conflagração europeia,—304 págs., brochado.	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA , 2.ª edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores.	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA , 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR **JÚLIO DANTAS**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O Pretúdio de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 332 págs., enc. .. **17\$00** broch..... **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. 6\$00
- Entre a vida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Língua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. 10\$00
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. 4\$00
- Meu (O) menino** — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano**, um volume. — **Antero de Figueiredo**, um volume. — **Augusto Gil**, um volume. — **Camões lírico**, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — **Eça de Queirós**, dois volumes. — **Fernão Lopes**, três volumes. — **Frei Luís de Sousa**, um volume. — **Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume. — **João de Barros**, um volume. — **Lucena**, dois volumes. — **Manuel Bernardes**, dois volumes. — **Paladinos da linguagem**, três volumes. — **Trancoso**, um volume.

Em preparação: **Camões lírico**, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**
Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO GOELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio** (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra)..... **15\$00**
- A orise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de **ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 End. Teleg. **MINERVA LOURENÇO MARQUES**

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL



**Banhos de água fermal,
Banhos de água do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JÚLIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*.

1 vol. de 332 págs., no formato de 26 x 18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, brochado **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo — Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's — Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

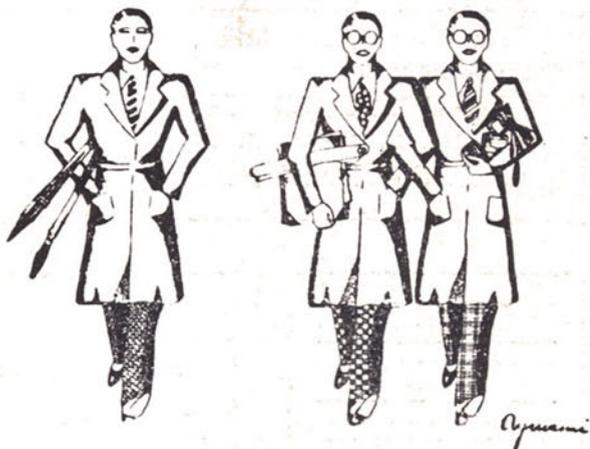
JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

**BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

valco



Julgar que, para a mulher, os sofrimentos periódicos são obrigatórios, é um equívoco. Dois comprimidos de Cafiaspirina renovam o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



MAIS um aniversário sôbre a afrontosa morte do poeta António José da Silva, o "Judeu," que foi o mais perfeito continuador da obra de Gil Vicente.

Nascido no Rio de Janeiro em 28 de Maio de 1705, teve a desgraça de ser filho de israelitas que nesse tempo eram perseguidos como feras pelo tribunal do Santo Officio.

Embora a Inquisição não tivesse penetrado no Brasil para não afugentar os seus povoadores, D. João V supriu esta lacuna, ordenando que todos os judeus apanhados nas terras de Santa Cruz fôsem enviados a Lisboa, e aqui entregues aos inquisidores.

Assim, o pai de António José da Silva, um advogado muito distinto, foi remetido à capital portuguesa a dar conta das suas convicções religiosas. Sofreu as agruras do cárcere, mas conseguiu, por fim, justificar-se ante os inquisidores que se limitaram a aguardar uma oportunidade melhor. Tinha o pequeno António oito anos de idade.

João Mendes da Silva — assim se chamava o pai do nosso poeta — abriu banca de advogado em Lisboa, e, graças aos seus talentos, logo obteve grande clientela. O pequeno António formou-se em direito na Universidade de Coimbra, passando a ajudar o pai, e a dedicar-se à literatura nas horas vagas.

A sua primeira obra

A morte de "O Judeu"

foi a "História do grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança," que obteve extraordinário êxito pela feição satírica que a orientava. Seguiram-se outras peças como a "Esopaída," "Encantos de Médea," "Labirinto de Creta," e "Precipício de Phaeonte," em que altas personagens eram beliscadas com fina graça ante os entusiásticos aplausos das plateias.

Os nobres senhores, visados pelas sátiras do poeta, alegavam a sua alta qualidade de católicos fervorosos que não podiam tolerar, sem quebra de dignidade e grave ofensa para a sua Santa Fé, que um miserável judeu se risse à custa dêles! Para que estava ali o Santo Officio? Sim, para quê?

Em face da perseguição que lhe moveram o pobre António José da Silva foi arrastado aos cárceres da Inquisição. Organizado o processo em que depuseram, como se calcula, dezenas de pessoas peitadas para perder o talentoso moço, sofreu a condenação à fogueira.

No dia 19 de Outubro de 1739 conduziram-no ao Campo da Lã e reduziram-no a cinzas com grande satisfação dos perversos acusadores que tanto receavam as suas sátiras, duras por vezes, mas sempre justas.

E assim acabou esse jovem talentoso que bem mereceu o título de "Plauto Português,"!

Faz agora 196 anos que foi cometido êste crime espantoso.



Estátua de António José da Silva «O Judeu» — por José Simões de Almeida (sobrinho)



A aparição de tim Moniz, sacrificando a vida na porta do castelo da Lisboa mourisca? António Joaquim Moreira, na curiosa notícia sobre "Antigas portas de Lisboa e sua cerca", que publicou no "Panorama" (vol. II — 1838) refere-se à Porta do Moniz, informando que "teve os nomes de "Porta do Sol, e de "Porta do Norte". É a terceira muralha do castelo, que faz face à igreja do extinto convento da Graça, agora paróquia de Santo André e Santa Marinha. Nesta porta se atravesou e morreu o valeroso capitão D. Martim Moniz, para facilitar a entrada aos portugueses. D. Afonso Henriques, para memória de tão ilustre feito, mandou colocar no alto dela uma perfeita cabeça de fino mármore, sob a qual há a seguinte inscrição:

El Rei Dō Afonso Henriques mandou aqui colocar esta statua e cabeça de pedra em memoria da gloriosa morte que Dō Marti Mauis progenitor

MAIS um ano que passa sobre a tomada de Lisboa, a linda ve-lhinha sempre moça de que tanto nos orgulhamos. Em volta deste glorioso acontecimento surgiram lendas que a investigação histórica, rígida e rigorosa, põe de parte com uma tal ou qual repugnância.

E para quê, se não há herói sem lenda? A lenda é a história simples e ingénua urdida pela imaginação do povo esse eterno poeta que, no dizer de Gomes Leal,

...ora, rugindo, as gerações desridas só sabe excomungar; ora, místico e bom, toma a paleta, desenha um vaso azul com margaridas e um raio de luar...

Foi o povo que, dando largas à sua inspiração, criou a lenda da promessa da Virgem a Egas Moniz, de que o seu pupilo fundaria um reino, o que veio a confirmar-se na batalha de Ourique, vencida, não pelo esforço humano, pois não é para humanas forças pelear um contra cem, e desbaratá-los, mas por um prodígio. Foi o povo que inventou a lenda da aparição de Cristo crucificado a Afonso Henriques e daí a vitória que se perpetuou nas Cinco Chagas da nossa bandeira.

Em que pode isto repugnar aos seus e rigorosos investigadores das realidades históricas? Não constituiu Ourique uma vitória prodigiosa, com ou sem aparição?

Porque se desdenha do feito de Mar-



Porta de Martim Moniz no Castelo de S. Jorge

da família dos Vasconcelos recebeu nesta porta quando atravessando-se nela franqueou aos seus a entrada com que ganhou aos Mouros esta cidade no anno de 1147.

João Roiz de Vasconcelos e Sousa Conde

HÁ 788 ANOS

À proeza de Martim Moniz à luz serena das frias realidades

de Castel melhor seu decimo quarto neto por baronia fez aqui pôr esta inscripção no anno de 1646.

"Abaixo desta porta, na Costa do Castelo, existiu uma povoação denominada "Vila Quente", que foi submergida pela lastimoso terremoto que succedeu em Lisboa a 26 de Janeiro de 1531."

Vários historiadores, baseados na autoridade de Alexandre Herculano, não dão o menor crédito ao feito heroico do progenitor dos Vasconcelos, chegando o próprio Pinheiro Chagas a citar Fernão Lopes na parte em que este narra o cerco de Lisboa pelo conde D. Henrique, e em que dá a essa mesma porta o nome de Martim Moniz.

É certo que o grande historiador diz, ao referir-se a Lisboa, que "não tinha outra guarda e defensão, salvo a cerca velha, que é desde a porta do ferro até à porta de Alfama, e desde o chafariz de El-rei até à porta de Martim Moniz."

Diz ainda Pinheiro Chagas que "talvez pelo contrário, do nome da porta é que a tradição se originasse, porque Fernão Lopes, falando nela, não faz a mínima alusão a esse tão notável acto de heroísmo. O que é certo é que o facto incontroverso de se ter Lisboa rendido por capitulação sem que os aliados tivessem nunca franqueado os seus muros à viva força, destroi completamente a verosimilhança de tal façanha. A perfeita cabeça de fino mármore mandada erigir por D. Afonso Henriques mostra que as artes em Portugal precederam muito o seu desenvolvimento na Itália e no resto da Europa. Dois séculos antes de Nicolau de Pisa já por cá se faziam esculturas maravilhosas! Que estu-pendo país foi este nosso!"

Em boa verdade, o ilustre historiador não foi muito feliz no argumento que tão habilidosamente foi descortinar em Fernão Lopes. Este, dando à famosa porta o nome de Martim Moniz, embora citando um facto anterior a Afonso Henriques, nada vem fortalecer a argumentação do autor da "História alegre de Portugal." Chamou-lhe porta de Martim Moniz porque assim era conhecida no tempo em que escreveu, podendo desta maneira fazer-se compreender mais facilmente. O mesmo fez ao citar o "Chafariz de El-rei" e esta designação não vinha certamente do poderoso emir Abdul-mumem, ou qualquer outro grande dos almoades.

Quanto à perfeição da cabeça de mármore fino que tanta impressão causou a Pinheiro Chagas, acreditamos que fôsse ali colocada por ordem do décimo-quarto

sonegadas, castigando-se com a morte os autores do delicto, e só depois se daria livre saída aos muçulmanos e se abandonaria a praça aos portugueses. Apesar de toda a regularidade que se pretendia estabelecer na espoliação, a soldadesca reagiu, dando a impressão duma alcateia de lobos esfaimados num aprisco.

Afonso Henriques, ladeado pelos bispos e escoltado pelos seus guerreiros, encaminhou-se preciosamente para a "Kassba", e na sua torre mais alta foi hasteada a bandeira portuguesa.

Ainda acerca da proeza de Martim Moniz diz um historiador "ter sido possível que os sarracenos fizessem alguma sortida pelo norte, para caírem sobre o acampamento dos portugueses, que estanciavam no monte da Graça, que estes os seguissem na retirada, de perto ou de envolta com eles, e, portanto, ao abrigo dos tiros das muralhas, esperando penetrar pela abertura que se franqueasse para os receber, e que neste lance o guerreiro esforçado se arrojasse contra a porta no momento de fechar-se sobre ête e talvez sobre alguns dos mouros, com quem se misturasse, sendo esmagado entre os seus batentes por acto heroico de vontade ou por acidente da luta. Explicado desta arte o caso não repugna à inteligência, e só há a advertir que não deu causa à ren-

neto do glorioso guerreiro que assim desejava solenizar o 5.º centenário dum feito que lhe nobilitava a família. É possível até que o conde de Castel-Melhor tivesse feito substituir qualquer memória tósca que Afonso Henriques ali tivesse deixado por outra mais espaventosa, e daí a eloquente inscrição que acima reproduzimos.

Enfim, fôsse como fôsse, Lisboa caiu em poder dos portugueses no dia 23 de Outubro de 1147 — vai passar agora o 788.º aniversário deste feito grandioso — sem que até hoje fôsse levantado nesta cidade tão linda como ingrata um monumento ao excelso fundador da nossa nacionalidade!

A luta foi terrível. Conseguido o armistício, ficou estabelecido que trezentos guerreiros trasporsiam os muros e ocupariam a "Kassba". Af tomariam conta de todos os haveres da população. Seguidamente, seriam efectuadas buscas para averiguar se algumas riquezas haviam sido

dição da cidade, que se fez por capitulação, e que foi, portanto, inútil o sacrifício de Martim Moniz, a não ser para o seu nome, que as gerações gravaram na memória como o de um bom mártir da fé e de um herói da Pátria; se, todavia, nem assim se pode aceitar Moniz e o seu feito como realidades históricas, aceitámo-las como imagens dos campeões denodados que negaram com o seu sangue as raízes de Lisboa, e das suas proezas homéricas, porque a gratidão e o entusiasmo patriótico têm os seus símbolos e as suas ficções."

A lenda é o mais delicioso perfume da história. Sem êle não teriam existido nem santos, nem mártires, nem heróis. As frias realidades tornariam o homem num verdadeiro autómato, movendo-se sem um lampeio de génio, sem uma centelha de inspiração, sem uma vibração de espírito.

Passa agora o 788.º aniversário da tomada de Lisboa que, quer queira, quer não, ha-de ver a Porta de Martim Moniz.

Ponham em dúvida o feito de Martim Moniz, duvidem, se isso lhes apraz, da existência do próprio Afonso Henriques, mas subam ao Castelo de S. Jorge e espreiam a vista por essa cidade que lhes dará uma alucinação de beleza, uma perfeita visão de prodígio.

E, no entanto, em todo esse amontoado de mármore e granito está a mais fria das realidades!

Morte de Martim Moniz na porta do Castelo de Lisboa



AS FESTAS DO ESTORIL

O Estoril continua a corresponder às suas tradições de grande estância de turismo mercê das suas festas que lhe dão uma interessante nota de vida e animação modernas.

Sob este aspecto, a actual temporada de verão tem sido particularmente feliz, devido em grande parte à inteligente orientação que preside à organização dos festivais, realizados de molde a manter os créditos do Estoril e a satisfazer as naturais exigências da sua selecta concorrência. O público elegante assim o tem compreendido, acorrendo



cada vez em maior número às festas do Casino e da Piscina.

As gravuras que ilustram esta página mostram diversos aspectos, das festas ultimamente ali realizadas.

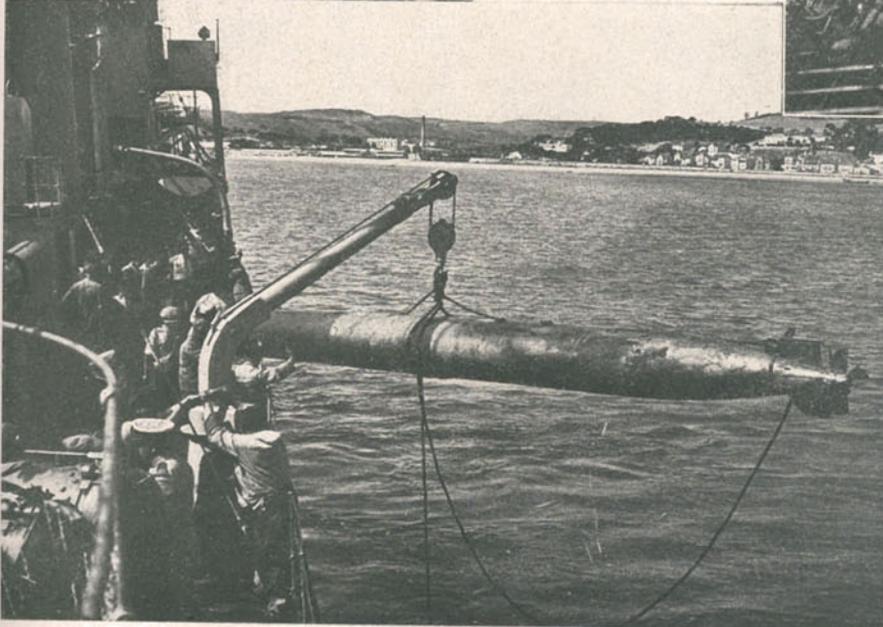
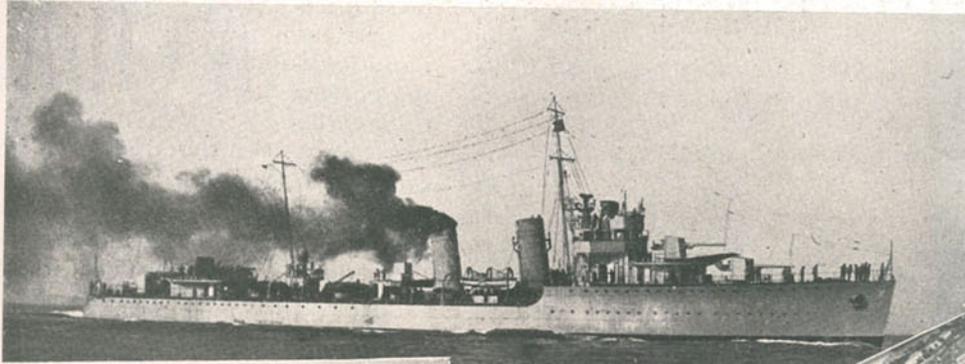
Ao alto, vê-se um aspecto da sala de jantar do Casino durante a apresentação do número «Noite portuguesa». Por baixo, dois aspectos do concurso de fatos de banho antigos e modernos, organizado pelo actor Erico Braga, e as quatro primeiras premiadas no «Concurso de Mantones». Finalmente, ao fundo da página, um aspecto do palco ao ar livre na Verbena realizada no Pinhal.

As experiências do novo contra-torpedeiro

“TEJO”

provaram brilhantemente as possibilidades da nossa indústria de construção naval

REALIZARAM-SE ultimamente as experiências do contra-torpedeiro *Tejo*, antes da sua entrega ao Estado. O novo barco de guerra satisfaz todos os requisitos do contrato, o que honra a nossa indústria de construções navais e a proficiência dos nossos operários. O raio de acção do *Tejo* é de 5.000 milhas. O seu armamento foi também sujeito a experiências com o melhor êxito. As gravuras que ilustram esta página mostram, em cima o *Tejo*, em plena marcha; à esquerda uma peça de 120 ^m/m. fazendo fogo; à direita, um lançamento de torpedos; em baixo, a recolha dum torpedo e uma metralhadora contra aviões.





A histórica Torre da Pólvora na capital checo-eslovaca

agora, de 18 a 25 de Agosto, a XVI. Reichenberg fica ao Norte da Boémia, quase na fronteira alemã. É uma cidade de 80.000 habitantes, predominantemente industrial, mas nem por isso menos rica em curiosidades artísticas e históricas, como todas as povoações tchecas, "ilhas de história", opulentas dum passado, que é, não só dum grande beleza moral, mas também de variado e brilhante conteúdo cultural. Além disso, Reichenberg é

força a admiração dos mais indiferentes ou despreocupados. Por isso, construído agora o seu estabelecimento termal, a cidadezinha deliciosa começa a conhecer a larga afluência de turistas e aqistas.

Quem, por conveniências de negócio ou bel-prazer, visitou a feira de Reichenberg e quis depois entreter-se numa digressão pelas próximas estâncias termais de Karlsbad, o antigo e celeberrimo lugar de vilegiatura dos imperadores, Marienbad, rica numa centena de fontes, e Franzensbad, rodeada de parques e jardins esplêndidos, — encheu o seu tempo de forma a poder assistir em Setembro á reunião de outono da feira anual de Praga.

Pode-se avaliar já da importância desta feira sabendo-se que a Tchecoslováquia é um país eminentemente exportador — o primeiro na produção do calçado, de que as fábricas Bat'a lançam por dia nos mercados europeus mais de 100.000 pares, e na bijutaria, de que inunda as 5 partes do mundo, e dos primeiros nas indústrias metalúrgica, textil, do vidro, etc.

A indústria tcheca representava, antes de guerra, 70% da indústria de todo o império austro-húngaro. Recobrada a independência, a Tchecoslováquia encontrou-se com um mercado interno de 13 milhões de almas (que são hoje 16 milhões), em vez dos 50 milhões ou

OS GRANDES CENTROS DE PRAGA

mais do velho império. A par disto, a actividade produtora desenvolveu-se extraordinariamente

depois da reconquista da liberdade nacional, que permitiu a um povo tão orgulhoso das suas tradições como senhor dum forte potencial de energias, dar em poucos anos (e não só no terreno económico) um "salto de progresso", admirável.

Mas ao interesse comercial ou técnico que terá o conhecimento da vida industrial e dos produtos tchecos, supera, quanto a mim, o interesse humano de privar com um povo que durante dois séculos lutou, vitorioso, com a Europa, para defender a sua fé, e que, após outros dois séculos de cativo, teve ainda forças para liber-

Deambular por Praga é aprender a história dos tchecos — a história como Unam: uno a entende, não museu de coisas mortas, mas passado vivo e presente vivo, a curva dinâmica em evolução para o futuro. E é também encher de beleza os olhos, contentar, superiormente, o sentimento estético. Porque, desde as típicas ruínas medievais até às graves avenidas modernas, desde as capelas românicas até os edifícios da mais arrojada concepção cubista, — todas as épocas, todos os estilos, todos os gostos — excepto o mau gosto — se juntarem em Praga, para compor um conjunto fascinante.

Praga é das mais belas cidades da Europa; mas a sua beleza é sobretudo monumental, arquitectónica, escultórica, nascida da vontade e do génio do homem, — sem embargo do encanto natural que lhe vem do Moldava, cujas águas sere-

nas lhe atravessam o corpo, como uma grande artéria, ou da colina majestosa, nem doce nem abrupta, em cujo cimo se alça o Hradchany, ou da moldura de verdes em que se encaixa... Mas tudo isto é dominado pelo gótico, impetuoso, florido, lírico e místico, que surge em todos os recantos, comanda em todos os panoramas, desde a Catedral de S. Vito até á Ponte de Carlos IV; pelo "barroco praguense", tão apurado, tão sóbrio, tão nobre, que é o estilo da cidade reconstruída na primeira metade do século XVIII e que ainda hoje inspira obras tão modernas de linhas como o pensionato de Záchrana; pelo Cubismo, a um tempo severo e alacre, geométrico e plástico, dum Kotera, dum Rojt, dum Janák, o estilo da "terceira cidade", dos novos edifícios públicos e municipais, dos bancos, das grandes empresas.

É todas as épocas, todas as expressões arquitectónicas, se amoldam e continuam umas às outras, num único organismo vivo e sempre belo, em que se coordenam e completam a nobreza de antiguidade e a graça da juventude, o ontem e o amanhã.

Uma visita a Praga impõe-se a quem queira conhecer a Europa Central no que ela tem de melhor. Toda a beleza dessas regiões tão ricas e tão variadas se condensa ali, como por milagre. Capital secular e, contudo, cheia de novidades, ela é, não só na Checo-Eslováquia como nos países limitrofes, uma joia cintilante, cujo fulgor não é ofuscado pelas que a rodeiam. Cheia de tradições que os seus magníficos monumentos traduzem, é uma das cidades do mundo onde o passado melhor se liga ao presente, sem dissonâncias nem contrastes.

Cidade que não esquece já mais — Praga, tão real e tão de sonho.

Ad. Valentino.

ENCRUZILHADA da Europa, ali entre o ocidente europeu e o leste euro-asiático, entre o sul mediterrâneo e o norte continental, a velha Boémia era centro importante de trocas na época das economias locais, no tempo em que os produtos procuravam escoadouro nas feiras periódicas.

No século XIV, Praga, a capital prestigiosa do glorioso reino boémio, onde em 1348 o bom e culto Carlos IV funda a primeira Universidade da Europa Central, — era um importante entreposto comercial: a sua feira tinha farta concorrência e fama vasta.

É essa tradição que a Tchecoslováquia actual, ressurreição da antiga Boémia, reatou com a Feira Internacional de Amostras de Praga, criada em 1920 por decreto governamental, e com outras feiras em várias cidades, como as de Amostras de Reichenberg (Liberec), de que se realizou

uma terra encantadora, pelo ambiente e pela paisagem, em particular a dos seus arredores. O vale de Neisse, entre as cadeias montanhosas de Iser e de Jeschken,



O edifício principal onde se realizou a Feira de Praga



Em cima: Uma vista aérea dos importantes estabelecimentos fabris da Silesia em Pilsen. A' direita: Aspecto geral das fabricas Iltis em Zlín

tar-se e para provar que é digno da independência, — dum povo, que como notou o Professor Fidelino de Figueiredo, ostenta entre as suas virtudes as duas mais raras: a de ser grato e a de ser justo.

É este aspecto humano da Tchecoslováquia que o viajante surpreende-lo, tanto no convívio diário como nas realizações materiais — sobretudo nas realizações artísticas.





O ébrio: *Selvagem! Isso não são maneiras de tratar uma senhora*

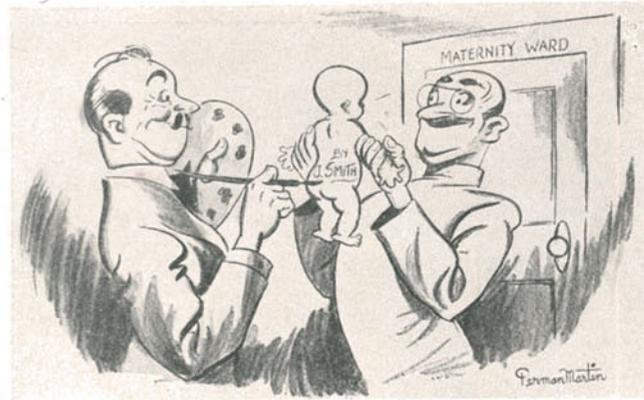
HUMORISMO

com indignação — Foi esta a primeira vez que roubei.

— Meus amigos, — proclama um orador humanitário — a educação não deve ser feita à pancada. Bater nas crianças é semear-lhes na alma

o germe da revolta. Tenho seis filhos e nunca lhes toquei.

— Seis filhos! — interrompe um auditor — E quer convencer-nos de que nunca levantou a mão para eles?



O artista que costumava assinar *ódas* as suas obras

— Nunca!... Isto é, excepto em casos de legítima defesa.

O cúmulo da avareza:

Um indivíduo encontra na rua um frasco de calicida e corre a uma sapataria para comprar uns sapatos apertados e ter assim ocasião de utilizar o achado.

— Então, já sabes? O Levy vai retirar-se do comércio.

— Ora! Éle tem dito isso tantas vezes...

— Mas desta vez não foi éle quem disse. Foi o juiz.

Um casal que enriqueceu há pouco resolveu ir fazer uma viagem pela Europa.

Quando seguem num luxuoso vagão do P. L. M. a mulher pergunta para o marido.

— Onde estamos, António?

— A meio caminho de Paris e Marselha.

— Deixa-te de pormenores. O que eu quero saber é em que país estamos.

— Minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.

— Quem é éle?

— Não o conheço.

Numa agência de casamentos:

— Posso ainda indicar-lhe outra senhora, mas receio que não lhe convenha. Já não é muito nova e tem dentes postiços.

— Dentes de ouro?

— Mas o senhor não me tinha dito que a casa estava hipotecada.

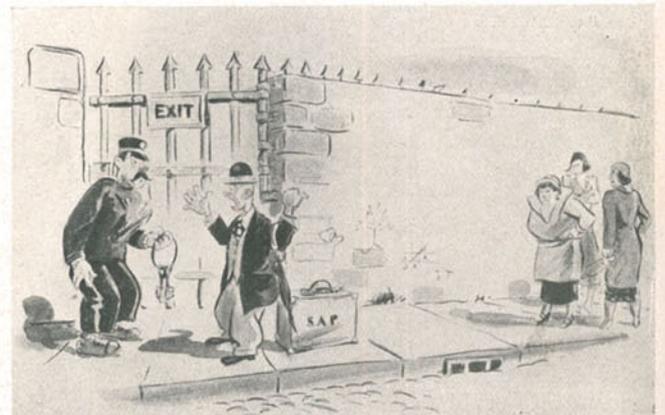
— Pois sim. Mas prevenimo-lo de que tinha todos os aperfeiçoamentos modernos.

O Quinzinho olha atentamente o irmão recém-nascido que chora desabaladamente e a certa altura pergunta:

— Papá, é certo que ele veio de França?

— E' sim meu filho.

— Então é porque não o queriam lá, com certeza.



O preso que acaba de ser libertado: *Quero ser encarcerado outra vez.*
O guarda: *Mas qual é o seu crime?*
O preso: *Potigãmia...*

UM indivíduo entra com modos decididos numa barbearia e ordena um corte de cabelo mas "sem conversa".

— Mas... — objecta o homem que o atende.

— Não venha com "mas," nem meio "mas,". Deixei o meu barbeiro do costume por éle ter o costume de conversar. Quero que me corte o cabelo sem dizer uma palavra.

Durante um bocão só o tic-tic da tesoura quebrou o silêncio. Ao fim de algum tempo, o cliente começou a notar que lhe cortavam o cabelo da forma mais estravagante.

— Que quer dizer isto? — gritou éle dando um salto na cadeira.

— É o melhor que sei fazer, meu caro senhor — retorquiu o outro. — É a primeira vez que corto cabêlos. O barbeiro safu e eu sou o canalizador que éle mandou chamar para reparar uma avaria no cano da água.

Numa aula:

O professor: Se se voltar de frente para Leste, o Norte fica-lhe à direita ou à esquerda?

O aluno: Não sei, senhor professor. Há muito pouco tempo ainda que estou nesta terra.

— Porque estás tão triste, rapaz.

— A Alice repeliu a minha declaração de amor.

— Ora, deixa lá! Mulheres há muitas...

— Bem sei. Mas eu tenho pena é por ela, porque homens há poucos.

No final dum julgamento o juiz dirige-se ao réu e pergunta:

— Tem alguma cousa a alegar em sua defesa?

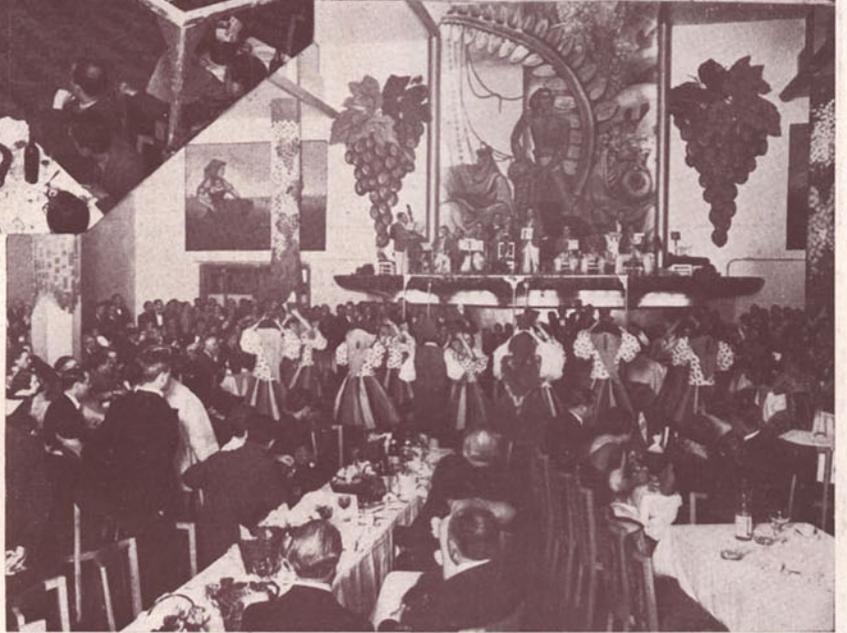
— Que estou inocente, senhor juiz.

— E já estive alguma vez preso?

— Que ideia! — responde o acusado

«A GRANDE NOITE DAS VINDIMAS»

RESULTOU cheia de animação e característico a festa denominada «A grande noite das Vindimas», realizada no Estoril no passado dia 19. A sala de jantar do Casino foi para esta festa admiravelmente decorada, como as gravuras mostram. A organização das atrações esteve a cargo de Erico Braga, Ruth Aswin e Augusto Soares. Durante o dia fez-se na praia e nos hotéis do Estoril uma distribuição de oito toneladas de uvas do Ribatejo de que a gravura ao alto da página dá um aspecto.



O NOVO «GOLF» DO ESTORIL

No prosseguimento duma inteligente política de turismo, a Sociedade Propaganda da Costa do Sol trabalha há tempo no sentido de tornar o campo do «golf» do Estoril um dos melhores e mais agradáveis do mundo. Esse trabalho dirigido pelo architecto sr. Mackenzie Ross entrou já numa fase definitiva tendo-se realizado no dia 22 uma visita de diversas individualidades e representantes da Imprensa ao referido campo do «golf». O percurso do campo é de 5 500 metros e possui 18 buracos distanciados entre si de 120 a 300 metros. A área abrangida é de 6 000 hectares e passa por Goulão, Alcoitão, Pinhal da Martinha e Pinhal do Machado. Realizaram-se grandes trabalhos de terraplanagem, ficando porém o campo com numerosos obstáculos que, como se sabe, constituem um dos atractivos do jogo. Vai construir-se agora um elegante pavilhão, cujo projecto é da autoria do sr. Carlos de Oliveira Raposo e que deve estar concluído em Março. O campo vai ser semeado de relva que deve estar em bom crescimento em Janeiro próximo data em que se fará a Inauguração oficial. A gravura abaixo mostra um aspecto da visita.





D. Nuno Alvares Pereira

o seu refúgio no mosteiro do Carmo — quando já contava 62 anos de idade — à ruína evidente das faculdades mentais, que exacerbava a sua irredutível misantropia.

Em compensação, pouco ou nada se tem dito acerca do valor própria mente militar deste Grande General — quiçá o mais talentoso que a nossa Pátria tem visto em oito séculos de existência.

A falta de um verdadeiro espírito nacional que fortaleça o nosso povo, explica certamente o ominoso desinteresse de grande parte da Nação por este vulto imortal da nossa História, a ponto de, cinco séculos passados, ainda não podermos encontrar em qualquer cidade ou vila do país, uma estátua condigna, atestando a veneração dos portugueses e a gratidão da Pátria pelo seu mais extrínseco defensor.

É mister que todos os portugueses tenham um mais alto conceito acerca

PASSANDO agora o 550.º aniversário da batalha de Valverde, vem a propósito evocar mais uma vez a gloriosa figura de Nun'Alvares, não como monge do convento do Carmo, mas como um dos maiores generais de todos os tempos.

Nesse memorável dia 5 de Outubro de 1385 o nosso famoso guerreiro com 5 mil portugueses destruiu 30 mil castelhanos, consolidando assim os alicerces duma gloriosa independência. Poderíamos citar ainda, além de Aljubarrota, outros feitos brilhantes que a nossa História regista e que — valha-nos isso — podem ser explicados nos tempos de hoje, não por uma doentia insistência de milagres, mas pelo inegável esforço patriótico e imenso saber dos nossos Maitores.

Nun'Alvares venceu porque era um grande guerreiro.

"Santo Condestabre, lhe tem chamado o clero, pretendendo ainda hoje a sua canonização, e invocando assim um dos mais altos vultos da nossa História, para fins de propaganda religiosa. "Santo Condestabre", lhe chamou o devoto e casto D. Duarte, na sua obra *Leal Conselheiro*. "Santo Condestabre", lhe chamou ainda a fanática e ignara plebe do seu tempo, ao vêr o glorioso vencedor de tantas batalhas envergar humildemente o burel dos carmelitas descalços. "Ilustre epiléptico, e "condottiere português do século XIV", lhe chama um original escritor contemporâneo, atribuindo o seu proverbial heroísmo e rara temeridade ao acaso da sua doença, e



A porta do Convento do Carmo

GLÓRIAS ETERNAS

Nun'Alvares em Valverde

Antes do santo monge, o guerreiro invencível

lizados — como lhe forneceram também preciosos e detalhados conhecimentos acerca das novas modalidades de emprego das tropas, nos combates mais recentes em relação à sua época.

Alguns modernos escritores militares germânicos, designam orgulhosamente "Cannas alemã" a célebre batalha de Tannenberg, por analogia com a tremenda derrota infligida por Anibal aos romanos nas margens do Aulido.

Com mais forte razão deveremos nós próprios chamar "Cannas portuguesa", à famosa batalha de Aljubarrota — já pela importância das suas consequências políticas, já pela semelhança da tática adoptada, que em ambas foi a causa primordial da vitória.

Efectivamente, a batalha de Tannenberg apesar de ter sido um grande desastre para os aliados, não teve consequências políticas imediatas — ao passo que Aljubarrota salvou Portugal do jugo de Castela, e foi origem das Descobertas que os portugueses deram ao Mundo.

Quilques destas acções foi ganha por duplo envolvimento de ala. Todavia, tanto Anibal em Cannas, como Nun'Alvares em Aljubarrota, conseguiram realizar com êxito tal manobra, graças a uma esclarecida defensiva tática — ao passo que Hindenburgo o conseguiu em Tannenberg por uma hábil manobra estratégica baseada no princípio da economia das forças, retomando taticamente a ofensiva logo que pôde reunir, *in loco*, meios superiores aos do adversário.

Em Aljubarrota, o campo de batalha não foi escolhido ao acaso. Nun'Alvares, dirigindo-se do Alentejo ao encontro do inimigo que marchava da Beira Alta sobre Lisboa, realizou uma audaciosa operação ofensiva, apesar de comandar tropas de bem pequeno efectivo — 2 mil alentejanos — com elas exclusivamente se dispôs a deter o passo ao invasor, quando soube em Abrantes que os pusilânimes conselheiros do rei reprovavam tão arrojada atitude.

Mas o Grande Condestabre, além da sua inabalável fé em Deus e nos destinos da Pátria, tinha plena confiança no seu próprio talento militar e na coragem dos guerreiros que comandava.

Razões tinha efectivamente — e das mais fortes — para justificarem tão grande confiança, pois ainda mesmo hoje as poderemos avaliar ao considerarmos o alto génio militar que revela um general como Nun'Alvares que, na própria véspera da batalha, consegue reconhecer sobre o itinerário provável do inimigo, uma posição de tal maneira favorável e adequada

aos seus escassos efectivos, que o facto se nos afigura excluído do âmbito das realidades — tal o conjunto de condições verdadeiramente ideais que o seu magistral golpe de vista soube reunir num só campo de batalha!

A famosa posição defensiva, a cavaleiro da antiga estrada de Leiria para Aljubarrota, limitada á direita pelo Lena e á esquerda por um afluente da Ribeira do Calvário, tinha flancos difíceis de abordar, uma frente dominante e — reforçada por defesas accessorias, e acima de tudo — condição rara, que mostra bem a métrica com que o terreno foi visto e militarmente aproveitado — uma disposição tal dos acidentes hidrográficos, e de revestimento florestal, que inutilizava a vantagem da superioridade de efectivos do atacante, — cerca de 30 mil castelhanos contra 6.500 portugueses — visto obrigá-lo a operar num reduzido espaço, quer atacasse de frente, quer pela reatguarda onde esta vantagem se acentuava mais ainda, o que compensava largamente a falta de comandamento nesta direcção.

O *dispositivo* adotado também nos mostra iniludivelmente a alta competência de quem o delineou.

Tal como Anibal na batalha de Cannas, Nun'Alvares dissimulou as alas do seu exército, não apenas pelo aproveitamento da orografia da região — como fez aquele grande general — mas pela própria disposição normal á frente — manobra hábil e original, que não só deu ás referidas alas uma formidável resistência a qualquer ataque de frente, em virtude da notável profundidade, como também tornou praticamente inabordáveis os flancos do exército, já bastante protegidos pelas características do terreno; e ainda principalmente, lhe facultou o duplo envolvimento do exército atacante, atraído para o reinterante formado pela prevista retirada do centro, ulterior e oportunamente apoiado pelas reservas, tornando assim possível a necessária acção das alas, para aquele efeito. Mas não se limitou o nosso Grande General a preparar uma batalha semelhante á de Cannas, nas suas linhas gerais. Nun'Alvares conhecia a História Militar, e sabia interpretar os princípios basilares da arte da guerra que os antigos grandes chefes applicavam por simples intuição; também

estudou minuciosamente os ensinamentos a colher das mais recentes campanhas de então — demonstra-o cabalmente nas *disposições* tomadas em Aljubarrota para que a batalha fosse travada a pé, como se vinha fazendo em Crecy-1340, Poitiers-1356, Rosbecq-1382, etc., — o que constituiu grande surpresa e embaraço para os castelhanos, jámais numa época em que a cavalaria preponderava.

O rei de Castela — muito mais prudente que os côsules romanos contemporâneos de Anibal — recusou-se a atacar de frente, apesar da sua grande superioridade de meios — de tal modo a posição dos portugueses o impressionava. Efectuou, portanto, um movimento torneante, afim de poder dar a batalha de frentes invertidas — mal suspeitando certamente que a genial pericia de Nun'Alvares e a valentia das armas lusitanas davam de transformar o local num reducto inexpugnável.

Efectivamente, as vantagens táticas da posição defensiva mantinham-se ou compensavam-se na nova situação criada pelo inimigo, e o dispositivo das tropas era maravilhosamente adaptável ás diversas hipóteses táticas a encarar por um chefe militar da competência de Nun'Alvares.

O resultado desta batalha assim vasada em moldes tão modernos, predominando sempre no campo português um de conjunto, condição inerente ás tropas bem comandadas — jámais numa época de operações militares caracterizadas essencialmente pelas proezas individuais dos combatentes — não podia ser outra senão a derrota fulminante dos castelhanos, aliás operada em menos de uma hora.

Tal como Anibal se recusou a investir com os campos fortificados de Roma, após ter destruído as legiões dos côsules senes Paulo Emilio e Varrão — assim também Nun'Alvares contrariou energicamente os designios do rei para effectuar o assédio ás praças espanholas de Cória, Benavente, Tuy, etc., sem dispôr de material de sitio adequado a tais operações, pois como ele afirmou — "fazer

de conjunto, condição inerente ás tropas bem comandadas — jámais numa época de operações militares caracterizadas essencialmente pelas proezas individuais dos combatentes — não podia ser outra senão a derrota fulminante dos castelhanos, aliás operada em menos de uma hora.

Tal como Anibal se recusou a investir com os campos fortificados de Roma, após ter destruído as legiões dos côsules senes Paulo Emilio e Varrão — assim também Nun'Alvares contrariou energicamente os designios do rei para effectuar o assédio ás praças espanholas de Cória, Benavente, Tuy, etc., sem dispôr de material de sitio adequado a tais operações, pois como ele afirmou — "fazer

O grande Condestabre Nun'Alvares

cerços sem engenhos de guerra, era sacrificar vaidas inutilmente; e uma boa vitória campal mais facilmente rendia as praças fortes do que trinta apertados cerços., i Que clarividência não revelam tais palavras proferidas pelo Grande Condestabre de Portugal, numa época em que os castelos eram em tódia a Europa considerados como a base da defesa militar dos Estados!

Mas o povo sempre dado ao maravilhoso, embrenha-se na sua superstição tradicional e não resiste á eloquência da coincidência das datas — a de 14 de Agosto, por exemplo — e toma a vida do Mestre de Aviz como norma.

No dia 14 de Agosto de 1835, D. João I vence a batalha de Aljubarrota; no mesmo dia de 1415 parte para Lisboa a fim de embarcar para a conquista de Ceuta. Pois é nesse mesmo dia de 1433 que vem a falecer, após quasi meio século de venturoso reinado...

Se o povo admira o fundador da segunda dinastia, não deixa de lhe atribuir grande parte da sua fortuna á influencia do dia 14 de Agosto!

Acabemos com estas superstições e tomemos os heróis da independência da nossa Pátria como homens de talento e previsão e não como charlatões.

Cesse para sempre, a voz daqueles que atribuíram a retumbante vitória de Aljubarrota a um milagre ou ao simples acaso. Quem tal afirma, trai ao mesmo tempo a Verdade e a própria Pátria, contribuindo apenas para desenvolver no povo português o pernicioso espírito fatalista, origem do ignóbil indiferentismo — causa maior de tódias as calamidades nacionais — em prejuízo do levantamento do espírito nacional, hoje mais necessário do que nunca.

Luiz Simões Candelas.



Santa Tereza e os seus pecados

No dia 4 de Outubro de 1582 extinguiu-se a vida duma piedosa mulher que, durante longos anos, se definiu num misticismo profundo sacudido pelos êxtases duma verdadeira iluminada.

Chamou-se Tereza Cepeda de Ahumada, mas todo o mundo a ficou conhecendo por Santa Tereza de Jesus.

Amou como todas as raparigas, e teve grande apêgo ao luxo e aos prazeres terrestres. Contrariada no amor que o seu coração elegera, repeliu o noivo que o pai lhe impunha, e deliberou recolher-se à vida monástica. Jesus seria o seu esposo e nessa paixão viveu a sua vida inteira.

Em 1541, ao cabo de oito anos de clausura, o seu espírito religioso sofreu uma crise, e abandonou a oração. Levava o seu tempo no locutório do convento a receber as visitas que lhe levavam as mais recentes e escandalosas notícias do mundo exterior. Um dia, segundo ela conta, apareceu-lhe Jesus com aspecto irado, a reprechê-la de tão estranho proceder. Caíu então nos seus êxtases que muitos suspeitaram ser inspirados pelo Demónio, sendo denunciada ao Santo Ofício que por pouco não a arrastou á fogueira. Valeu-lhe S. Francisco de Borja que tomou a sua defeza e a fez considerar como uma fervorosa monja toda devotada á fé de Cristo. Grande foi a eloquência do santo,

para fazer-se acreditar dos inquisidores e esmagar as tremendas acusações que faziam à pobre freira.

Poderia o seu passado, aliás impecável, fortalecer os ataques dos detractores de tão belo espírito?

Santa Tereza, nas suas "Memórias," tenta desculpar-se dos estouvamentos que teve como todas as raparigas rodeadas de galanteios e tentações.

"Comecei a trajar galas — diz ela — e a desejar parecer bem, tendo sempre muito cuidado no arranjo dos cabelos, na beleza das mãos e na escôlha dos perfumes. Estas vaidades eram talvez provenientes da minha curiosidade..."

E desculpa-se: "Eu não tinha má intenção, pois nunca consenti que ofendessem o Deus por mim..."

Tereza era bonita. Não possuindo uma beleza de harmonia com as linhas escultóricas, era cheia de vivacidade, de encanto e expressão. Os biógrafos que a conheceram pessoalmente — o padre Ribera e Frei Diego de Yepes — retratam-na já na sua velhice, dizendo que

era "de boa estatura tanto na sua mocidade como depois de velha, e de muito bom parecer: o corpo avultado e branco, o rosto redondo e cheio, de muito bom tamanho e proporção. A sua côr branca e rosada, nos momentos da oração, acendia-se e tornava-se formosíssima. Após isto, entrando na normalidade, era suave e aprazível. Tinha os cabelos negros e crêspos, a fronte larga e formosa, os olhos negros, redondos, vivos, graciosos, embora sem perderem nunca a seriedade. As sobrancelhas grossas e espessas, o nariz pequeno, tendo a ponta um pouco arredondada e levemente inclinada para baixo. A bôca de bom tamanho e bem proporcionada com o

rôsto; o lábio superior fino e bem desenhado, e o inferior mais forte e um pouco saliente, tinha uma graça exquisita. Os dentes iguais, unidos e muito brancos e o mento bem modelado. Tinha três sinais no rosto que caíam do lado esquerdo e lhe davam muita graça: um, mais abaixo da metade do nariz, outro, entre o nariz e a bôca, e o outro abaixo da bôca.

Um dia, voltou a ser perseguida pelo Santo Ofício. A acusação, desta vez, baseava-se no delito de Tereza ter intercalado nos seus escritos, versículos do "Cântico dos Cânticos," que, apesar de fazer parte da Bíblia, constituíam leitura livre em demasia para uma freira.

Quando o terrível tribunal exigiu a explicação dum tal desacato, fazendo ler as passagens que reputava mais escabrosas, Tereza, elevando-se a uma esfera espiritual, muito acima das misérias terrenas, confundiu os seus julgadores.

Os deliciosos versos salomónicos tinham na sua bôca um tal sabor que mais pareciam recitados por um anjo.

"Aplique êle os lábios, dando-me o ósculo da sua bôca; porque os seus peitos são melhores do que o vinho e fragrantados como os mais preciosos bálsamos..."

"O teu nome é como o óleo derramado, porisso as donzelinhas te amaram..."

"Venha o meu amado para o seu jardim e côm o fruto das suas macieiras. Tudo isto foi lido no tribunal do Santo Ofício.

Quem era, pois, o Salomão dessa nova Sulamita?

E Tereza respondeu: — Jesus, o meu divino Esposo, a quem jurei a mais rigorosa fidelidade!

E cumpriu. Na hora da sua morte o seu último suspiro foi para Êle...

Finalmente, deram-lhe um altar de santa por não poderem dar-lhe um lugar na fogueira ao lado de Joana d'Arc.



A transverberação do coração de Santa Tereza



Imagem de Santa Tereza que se venera no Convento das Carmelitas Calçadas em Avila

FIGURAS E FACTOS

Dr. Augusto d'Esaguy



O ilustre clínico dr. Augusto d'Esaguy acaba de reunir num elegante volume as suas «Palestras médicas» que constituem catorze lições oportunas e úteis a todos. Além do homem da ciência que à saúde pública tem dedicado o melhor da sua mocidade, aparece nesse livro magnífico o escritor primoroso que nos empolga desde a primeira à última página.

Alice Ogando



«O mistério de Maria do Céu» é mais um livro desta ilustre escritora tão fecunda como primorosa em todos os seus trabalhos literários. Num curto espaço de tempo, Alice Ogando publicou nada menos de seis livros, qual dêles o melhor, por entre os aplausos dos seus muitos admiradores e os rugidos e rancorosos de alguns invejosos.

José de Esaguy



Ao esforço patriótico de José de Esaguy, que tanto se tem devotado à consagração do prestígio português em Africa, se devem, além de algumas obras primorosas sobre Marrocos, uma série de artigos oportuniísimos em alguns dos principais jornais franceses e ingleses defendendo o direito de Portugal sobre Tanger. Vivendo há muitos anos nessas terras evocadoras dum período glorioso, José de Esaguy patenteia-se em toda a pujança dum verdadeiro paladino.

Novo embaixador britânico



A bordo do «Arlanza», chegou a Lisboa no dia 24 do mês findo o novo embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, Sir Charles Wingfield. O ilustre diplomata era aguardado no cais de Alcântara pelos srs. Barreto da Cruz, director do Protocolo da República; Kennet Gurney, encarregado de negócios da Inglaterra; Ronald Garland Jayne, presidente da Câmara do Comércio Britânico; Luis C. Lupi, representante da «Reuter» em Portugal; professor Costa Lobo, presidente do Instituto de Coimbra; vice-consul de Inglaterra, pessoal da embaixada e várias pessoas em evidência na colónia inglesa em Lisboa. Sir Charles Wingfield viveu já em várias ocasiões em Portugal, primeiramente como secretário da legação e mais tarde como encarregado de negócios. É um diplomata consagrado por numerosos triunfos e a sua nomeação constitui mais uma prova da grande importância que a Inglaterra atribui à sua representação diplomática no nosso país.

Novo ministro da França em Lisboa



O novo ministro da França em Lisboa, M. Amé Leroy entregou no passado dia 12 ao sr. Presidente da República as credenciais de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário junto do Governo Português. No discurso que nessa ocasião proferiu, M. Amé Leroy exprimiu a sua satisfação por lhe ter sido confiado o posto diplomático de Lisboa onde sabe serem os franceses alvo das simpatias gerais. Referiu-se à importância dos interesses que ligam Portugal e a França e que são de ordem económica, moral e intelectual, dizendo esperar muito no campo económico do recente acordo comercial assinado em Paris. Terminou por fazer votos pelas prosperidades de Portugal e do seu chefe do Estado. O sr. general Carmona agradeceu-lhe num breve discurso em que pôs em relevo a tradicional amizade luso-francesa. A nossa gravura mostra M. Amé Leroy acompanhado do pessoal da sua Legação e do sr. Luis Barreto da Cruz, ao dirigir-se para o Palácio de Belem.



A gentilíssima menina, Sylvia Israëli Ben-simon, sobrinha do ilustre clínico sr. dr. Augusto d'Esaguy, que obteve o 1.º prémio no concurso das crianças-bonecas, realizado na cidade de Mazgão, vestindo à moda do Minho.



O Negus da Abissínia fazendo um discurso ao povo da janela do seu palácio em Adáis-Abeba

catástrofe — Bismark, Napoleão III e Guilherme I da Prússia — amarrados ao poste da ignomínia, ante as maldições dos mártires inconscientes e inocentes das suas ambições inconcebíveis.

Esta preciosa tela fez a sua época e ultrapassou a eloquência de todos os discursos dos mais ardentes pacifistas.

Todavia, o virus da guerra continuou a contaminar a humanidade...

Foi lindo o sonho de Mussolini que chegou a imaginar-se senhor de Aquém e de Além-Mar, da Pérsia, Arábia e Etiópia como qualquer rei de Portugal no período glorioso dos Descobrimentos. A Itália, guiada pela mão dum outro César, alastraria as suas legiões através do território etíope, na ânsia de civilizar, colonizar e expandir a sua população que mal cabe já no continente que lhe foi berço!

Ha cento e tantos anos, o rei da França, Carlos X, lançou a vista sobre as terras argelinas que um "bey" denodado e

QUANDO em 1918 o Mundo conseguiu respirar liberto do flagelo da guerra que durante quatro anos o ensanguentou, houve quem diagnosticasse um longo período de calma, ou, pelo menos, um abatimento semelhante ao que sucede sempre às grandes hemorragias.

Ainda assim, fortalecendo esta previsão, ergueram-se apóstolos de todos os cantos do glóbo a pregar a paz entre os povos e a patentear a inutilidade da guerra em todos os seus horrores. Todos colaboraram nesta obra benemérita, quer em livros sugestivos, cheios de sinceridade, quer em filmes que mostrassem bem nitidamente a terrível loucura que impele o homem a ser o lobo do homem.

O que surgiu de todo este esforço grandioso?

Um novo cataclismo em perspectiva! Após a guerra de 1870, a França derrotada, debatendo-se entre ruínas fumegantes e lodo amassado com sangue, apelava para a bondade humana, embora o fizesse num tom menos estridente e entusiástico do que o adotado naquêles esperançosos dias em que, cantando um hino guerreiro, se dispunha ir a Berlim visitar o Chanceler de Ferro.

O grande pintor Adrien Marie traçou um quadro impressionante em que figuravam os três grandes responsáveis dessa



Uma sessão do Conselho da S. D. N. onde se discutem as questões que interessam a paz do mundo

PAZ OU GUERRA?

O sonho de MUSSOLINI

A púrpura da majestade é vermelha como o sangue

aguerrido teimava em defender palmo a palmo. O soberano francês dava ao mundo como satisfação o verdadeiro motivo da sua atitude ao desafiar o pavilhão francês e expulsar os piratas das águas do Mediterrâneo. Conquanto a Espanha e a Sardenha dessem o seu apoio desinteressado à deliberação do rei francês, a Inglaterra negou-se a acreditar na sinceridade com que ia ser feita a invasão de Argel.

Nessa altura, Carlos X gritou bem alto aos quatro cantos da terra: "A França insultada, não tem necessidade da ajuda dos outros para vingar-se; quanto aos ingleses que se não metam na nossa vida, assim como nós nos não imiscuímos na deles."

Rebentou a guerra, e Argel foi conquistado...

Fôra lindo em demasia o sonho de Carlos X para um tão cruel despertar. Ainda se encontravam mal assentes os fundamentos do seu império africano, via o soberano francês levantar-se contra si a mesma multidão ululante que, ainda havia poucos dias o aplaudira freneticamente. E assim foi forçado a deixar o trôno e a procurar refúgio nessa Inglaterra que tão audaciosamente desafiara.

Nêste momento, Mussolini, avaliando a gravidade do seu gesto, não pode deixar de considerar as conseqüências que po-tem surgir.

Mas terá de renunciar a vêr realizado o seu lindo sonho através dos territórios que a rainha de Sabá perfumou com a

sua passagem. Se rebentasse um conflito entre a Itália e a Inglaterra, não seria muito difícil a esta nação bloquear os seus inimigos, embargando o transporte de mantimentos.

Bastaria isso para que todos os expedicionários que se aglomeram na Somália e na Eritreia sucumbissem pela fome.

Mas se os bravos italianos, num impulso natural de conservação, se aventurassem em terras abissínicas, o que lhes estaria reservado?

Dizem os entendidos que os primeiros choques seriam terríveis, embora com vantagens para os italianos que conquistariam Adua e Aksum, seguindo, acto contínuo, para Gondar. Começaria ali o calvário dos invasores que não voltariam a ter um minuto de descanso.

Segundo os melhores cálculos, a Etiópia oporá aos italianos uma avalanche de 1.140.000 homens providos do armamento mais heterogénio que possa imaginar-se, e em que as velhas espingardas utilizadas nas guerras do século passado têm maioria considerável. Afirma-se ainda que apenas 150 mil etíopes poderão dispôr de armas modernas.

Mas os italianos terão de contar com a terrível luta de guerrilhas que todo o abexim sabe fazer com o profundo conhecimento que têm das suas montanhas. O inimigo surgirá de toda a parte em

verdadeiros bandos de salteadores que, indiferentes a todos os conhecimentos da tática moderna, imitarão as feras, aparecendo onde menos se espere. Os italianos terão ainda de suportar o calor esbraziante da Donkália que é considerada a região mais quente de todo o mundo. Depois, virá a falta de água, devendo ter-se em conta que a pouca que os abexins deixarem na reatguarda está envenenada. Dolorosa jornada essa! A sede e a fadiga, a inclemência do clima e as balas sempre certeiras das guerrilhas completarão a obra trágica da destruição.

A Inglaterra, fiel ao Pacto da Sociedade das Nações, não poderia consentir na agressão do mais fraco que se julga com direitos iguais aos do mais forte. Daí a sua atitude que fez malograr o lindo sonho mussoliniano.

Entretanto, os abexins, agarrados mais do que nunca ao seu sistema primitivo, começam a desconfiar da diplomacia do seu imperador que deve ser, acima de tudo — eles o entendem — um guerreiro indomável. Nada de concessões, nem de conciliações de pouca consistência. Em face do avanço do invasor, entendem que o armistício só pode ser assinado pelos que morrem e que, enquanto houver um abexim no seu torrão natal, haverá uma espingarda a vomitar fogo e destruição.

Com todas estas complicações, uma certeza fica de pé — a bravura dos etíopes não suportarão, em caso algum, o jugo italiano.

Portanto, o lindo sonho mussoliniano malogrou-se...

A Itália avassalando êsses territórios imensos e fecundos onde o café e o algodão se desenvolvem magnificamente a

uma altitude de mil e tantos metros, onde o ventre fecundo do sub-solo está cheio de minério precioso e o petróleo corre em verdadeiras torrentes, consolidaria um império grandioso que compensaria o esforço titânico para o conquistar.

Lindo sonho o de Mussolini que nem Cesar foi capaz de conceber, nem Alexandre Magno de realizar!

Conta-se que, após uma grande vitória, Alexandre se sentira numa pedra fitando as estrélas com o ar compungido dum derrotado. Estranhando um dos seus generais a atitude do grande guerreiro, este limitou-se a responder: "Vejo lá em cima tantos mundos, e tanto me custa a conquistar êste...!"

Teria Mussolini tentado imitar o grande Alexandre Magno? Após ter feito prosperar a Itália dentro das suas fronteiras naturais, sentiria a ânsia de a estender através do mundo inteiro? E, depois, quando não houvesse mais mundo, ficaria a contemplar os astros, na ideia talvez de inaugurar em cada um dêles um posto rádio-telefónico com o auxílio do seu valioso colaborador Marconi?

Oh! a desmedida ambição humana!

Se rebentar a guerra, quantos milhões de vidas serão sacrificadas! E tudo isto se pensa friamente, a meia dúzia de anos da pavorosa conflagração europeia que ensanguentou o mundo! Não bastarão já os monumentos aos Mortos que se bateram pela Pátria, e aos quais todos os países rendem o mais sentido culto? Não bastarão os milhares de mutilados que ainda enxameiam as cidades, as vilas e as aldeias de todas as nações como espectros evocadores da pavorosa carnificina?

A guerra! E para quê?

A condenação da Guerra — (quadro de Adrien Marie)

Gomes Monteiro.





Mussolini, o chefe do Governo italiano, um dos homens que influem hoje nos destinos da Europa

D ano que, na melhor das hipóteses, a diplomacia e o bom senso consigam afastar por agora a ameaça de guerra que paira sobre a Europa, outro perigo subsistirá, contudo, a pôr em risco a paz entre os povos. Esse perigo é a corrida aos armamentos.

Não se trata duma possibilidade, mas dum facto positivo e que se consuma de dia para dia. A corrida aos armamentos entrou já no domínio das preocupações dos dirigentes das grandes potências. Pelo contrário, as negociações para a limitação de armamentos que ainda há alguns anos eram consideradas viáveis, tomaram já um carácter de utopias e nenhum diplomata realista delas se ocuparia hoje.

O infeliz conflito italo-etíope, com as suas inesperadas repercussões, teve neste caso como resultado o trazer uma vez mais a primeiro plano a obsediante preocupação da guerra. Veio lembrar, portanto, às grandes potências directa ou indirectamente interessadas no litígio a existência, senão a necessidade, das armas. Esse género de propaganda há de ser fatalmente perniciosa para as ideias pacifistas.

Assim, mesmo no caso de poder evitar-se a guerra, o triunfo moral que daí resultaria para a S. D. N. seria consideravelmente atenuado ou mesmo suprimido pelo facto de se ter tornado mais sensível que todo o complicado edifício da paz está preso por um fio. É accentuada a consciência dêsse facto não é de estranhar que cada país procure armar-se o melhor que sabe e pode.

O grave conflito, de cuja evolução somos espectadores inquietos, veio, portanto, trazer novos elementos de perturbação à política europeia. Mas em verdade, os factores determinantes da cor-



Um avanço de «tanques» italianos nas montanhas de Brennero

SINAIS DE TEMPESTADE

A CORRIDA AOS ARMAMENTOS

torna dia a dia mais perigosa e instável a situação da Europa

Valor e conseqüências da lei militar do Reich e do acôrdo naval anglo-alemão

lação tinha vários objectivos: por um lado enfraquecer os Impérios Centrais amputando-os de partes do seu território em benefício de nacionalidades já existentes e de outras que se formaram; e, por outro, criar aos países assim favorecidos interesses antagonicos aos da Alemanha que garantissem a todo o momento a sua solidariedade perante uma ressurreição do militarismo germânico.

Paralelamente, procurou-se alongar a fronteira da Roménia com a Jugoslávia. Uma das grandes ambições de Hohenzollern foi a de assegurar uma comunicação entre a Alemanha e o Indico por meio duma via terrestre que passando pela Bulgária e Turquia, países aliados, conduzisse à Arábia. Essa via terrestre estabeleceria uma comunicação ao canal de Suez e ameaçaria o poderio inglês na Índia. Só durante a guerra essa comunicação esteve assegurada com a ocupação da Sérvia pelas tropas alemãs. O mesmo assim, foi precisa para o Império germânico que constituiu durante os anos do bloqueio da guerra a sua única via de comunicação com o resto do mundo. Debalde os Aliados tentaram cortá-la, quer tentando forçar o estreito de Dardanelos, quer realizando offensivas envolventes. Só a assinatura da paz por parte da Turquia interrompeu definitivamente esse caminho à Alemanha. No Tratado de Versalhes, desmembrado o Império austro-húngaro e alongada a fronteira romena jugo-eslava, a repetição de 1914 tornava-se bastante improvável.

A par d'isso, as circunstâncias impunham que a êtao países — sentinelas vigilantes postadas no caminho dum possível expansão germânica — fôsse reconhecido o direito de se armarem. Para que o círculo criado em torno da Alemanha tivesse eficácia era necessário que fôsse de ferro.

Esta arma dirigida contra o Reich tinha, porém, como depois se verificou, dois gumes. Se é verdade que criou obstáculos sérios à expansão dêsse, fornecia-lhe, por outro lado, motivo para uma série de reivindicações. A divisão artificial da Europa assim feita, revelou-se por isso, de certo modo, uma perigosa fonte de discórdias.

Uma das razões que a Alemanha não deixou de invocar foi a da sua segurança. Toda a sua propaganda no sentido da anulação das clausulas militares do Tratado de Versalhes se baseou no facto — aliás verídico — de estar rodeada de nações fortemente armadas.

O abandono da S. D. N. pelo Reich foi a seqüência natural da questão. Desligando-se dos compromissos assumidos, a Alemanha afirmou a intenção de armar-se. Essa resolução concretizou-se na lei de 21 de Maio dêsse ano que institui o serviço militar obrigatório e lança em novas bases a hierarquia suprema do poder militar. Vale a pena apreciar essa lei para que se possa avaliar o seu alcance e a influência que tem na corrida aos armamentos que vamos assistir.

Pelo art. 3.º da referida lei especifica-se que «Führer-



chanceler» do Reich tem o comando supremo de todas as forças. Fica directamente sob as suas ordens o ministro da Guerra que superintende no Exército e nas Esquadras de marinha e de aviação. Realiza-se, assim, o ideal do comando único, que coloca Hitler em posição vantajosa em relação a Guilherme IV, pois, ao passo que este exercia o comando por intermédio de diversos órgãos, como o chanceler, o ministro da Guerra da Prússia, o Estado-Maior e o gabinete militar imperial, o «Führer» tem directamente sob as suas ordens um único homem — o ministro da Guerra.

Quanto ao serviço militar, divide-se em duas categorias: serviço activo e reservas. A duração do serviço activo é determinada pelo «Reichsführer». Após esse período e até à idade de 45 anos, o alemão passa à reserva, mas fica sujeito a revistas anuais e a períodos de instrução cuja duração é prescrita pelo ministro da Guerra.

Um raciocínio elementar demonstra-nos que, nestas condições, a Alemanha pode triplicar ou quadruplicar o número de homens nas suas fileiras sem que lhe seja necessário fazer para isso uma mobilização. O alargamento dos períodos do serviço activo e a realização de períodos de instrução de reservistas terão como conseqüência directa o aumento dos efectivos. Não mais precisará, pois, a Alemanha de realizar mobilizações secretas como a que precedeu a invasão da Bélgica em 1914.

Não é de admirar que perante este inquietante renas-



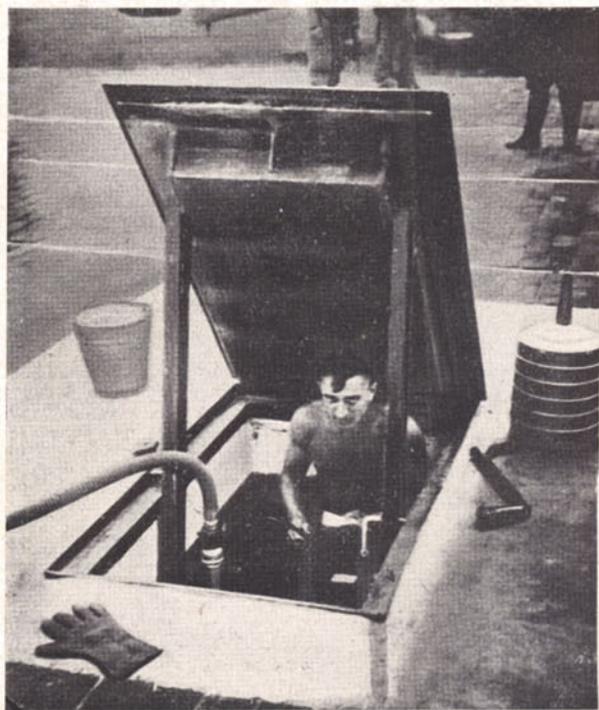
TRES FASES DAS BATAILHAS ITALIANAS — Em cima: um lança-chamas em acção. — Ao centro: um desarmamento de infantaria em marcha, sendo-se a um lado um ponto tactico de tração de campanha transportado as costas dum soldado. — Em baixo: soldados repetindo um ataque sob os gases atmosféricos venenosos

cimento do militarismo prussiano, a França se sinta alarmada e procure robustecer os seus meios de defesa. O mesmo succede aos outros países beneficiados pelo Tratado de Versalhes e a quem a Alemanha contesta a posse de territórios. Toda a origem da corrida aos armamentos está aí.

Outro problema em torno do qual a questão dos armamentos se agita ameaçadoramente é a questão da independência da Austria. Talhado ao sabor dos estadistas que em Genebra decidiram o destino dos povos da Europa, este pequeno país tem hoje uma vida difícil, agitado internamente por correntes políticas contraditórias e objectivo permanente da ânsia da expansão da Alemanha. As suas condições de existência são as que pode ter um país em que a população da capital é superior, em número à do resto do território. Esta macrocefalia tira-lhe a estabilidade. Assim, à face dos Tratados a sua independência teve de ser garantida por três grandes potências — a França, a Itália e a Inglaterra, que afirmam dêsse modo a sua disposição de se opôr a qualquer tentativa de anexação germanica.

A manutenção da independência da Austria interessa dum modo mais particular a Itália.





Com efeito a «Anschluss» teria como consequência criar-lhe uma fronteira comum com a Alemanha, visto que deixaria de haver entre ambos a nação austríaca. Esta perspectiva desagradava a Mussolini que já por mais duma vez evidenciou propósitos firmes de impedir a sua realização. Basta recordar que por ocasião do assassinio de Dollfuss, o Governo de Roma fez concentrar importantes forças do Exército no Brenner, prontas a entrar em acção ao menor sinal da intervenção alemã.

Para apoiar a garantia dada à Austria, Mussolini é obrigado a manter um forte Exército. Nas recentes manobras italianas no Brenner tomaram parte cerca de um milhão de homens. Tudo se passou como numa verdadeira guerra. Gases asfixiantes, lança-chamas, aviões de bombardeamento e canhões anti-aéreos demonstraram a sua respectiva eficiência sob o olhar entendido dos técnicos.

Para estar em condições de responder a essa ameaça a Alemanha desenvolverá o esforço do que é capaz como país estruturalmente militarista. Desligado dos seus compromissos, não terá dificuldade de maior em o fazer.

Admitamos agora que a marcha do conflito italo-etíope venha a alienar a França à amizade de Mussolini e aí teremos aquele país na con-

tingência de realizar mais um arranco desesperado na corrida aos armamentos.

Mas onde o problema se torna mais grave para a França é no mar. Por um acôrdo concluído em 8 de Junho entre a Alemanha e a Inglaterra, esta potência reconhece à esquadra germânica o direito a uma tonelagem equivalente a 35 % da sua. Esta atitude britânica legaliza, por assim dizer, o rompimento, por parte da Alemanha, das clausulas do Tratado de Versalhes. As razões que a determinaram foram definidas, pelo almirante Batty, com excesso de sinceridade, quando disse na Câmara dos Lords:

a França, cujas obrigações perante o Tratado de Washington, cessam no próximo ano, anunciou já que retoma a sua liberdade, o que equivale a dizer que vai construir navios de guerra na medida das suas forças. Por sua vez, a Grã-Bretanha, a quem o predomínio no Mar do Norte é indispensável e que acaba de reconhecer a sua necessidade no Mediterrâneo, aumentará também as suas construções. E como o acôrdo que a liga à Alemanha é automático, esta poderá também desenvolver a sua esquadra na mesma proporção desde que não exceda os 35 % estabelecidos.

Portanto, ou a França se resigna a ter na esquadra alemã um rival perigoso ou terá de aumentar a sua tonelagem em tal medida que acabará por constituir uma ameaça para a própria Inglaterra.

Como se calcula, o Japão e os Estados Unidos não poderão ficar indiferentes perante esta complicada situação. A própria Itália, embora beneficiada pelo acôrdo anglo-germânico que no caso duma ameaça alemã faria desviar do Medi-



A Alemanha cria a sua aviação, de que o Tratado de Versalhes a privava. — Em cima: um depósito subterrâneo de combustível à prova de bombardeamentos. — A direita: aviões da esquadra «Von Richthofen»

«Se a Alemanha tivesse querido possuir uma frota equivalente a 50 % das forças navais britânicas, não a poderíamos ter impedido». A Inglaterra reconhecia assim a sua impotência para se opôr eficazmente às ambições germânicas.

Mas o acôrdo de 21 de Junho veio pôr a Alemanha em pé de igualdade com a França, e dá mesmo à primeira, em certas categorias de navios, uma certa superioridade. Nestas condições,

terráneo uma parte das forças navais britânicas e francesas, anunciou já a decisão de reforçar a sua esquadra.

Eis, sem pessimismos exagerados, como a situação se apresenta.

Podemos afirmar-se que estamos a assistir ao início duma corrida aos armamentos. E na confusa atmosfera internacional nada se vislumbra que a possa evitar, ainda mesmo que seja possível, por agora, perserverar a paz.

Parada dum regimento de «tanks» alemães

Manuel L. Rodrigues.



Estoril elegante

Com extraordinário brilhantismo realizou-se na noite de terça-feira 17 de Setembro último, no Casino Estoril, a festa «Estoril Elegante» organizada pelos crónistas da Costa Sol, e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, que constou de «jantar à americana», seguido de baile, durante o qual se exibiram os números de variedades estrangeiros Nelly Não, cancionista e Vitali-Orive, excêntricos cómicos, e o número especial «A moda através dos tempos», no qual foram passados figurinos da moda na «Grécia», na «Idade Média», «Renasença», «Século XVIII», «1830», «1890», com guarda roupa Castelo Branco e Paiva e cabeleiras Vitor Manuel, e finalmente na actualidade, em lindos modelos da Casa Bobone, cedidos gentilmente pela sua proprietária a sr.^a D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, e dirigidos pela sr.^a D. Helena de Azevedo, todo esse número foi comentado em espirituosos versos, escritos expressamente pelo distinto escritor teatral sr. dr. José Galhardo, e recitados com muito brilho pelo notável actor da velha guarda Alexandre de Azevedo.

Todos os números foram delirantemente aplaudidos pela seleta assistência, que enchia o vasto salão do restaurante do Casino Estoril, sobre os encantadores modelos da Casa Bobone, que mais uma vez pôs em destaque o seu bom gosto.

Nos intervalos dos vários números de variedades e no final do programa dansou-se com verdadeiro entusiasmo tanto no salão do restaurante, como no «hall», onde também se fez ouvir uma esplêndida orquestra «jazz-band».

Os organizadores da festa «Estoril Elegante» devem estar plenamente satisfeitos, com o resultado da sua primeira festa na Costa do Sol, festa que saiu fora dos moldes que são de uso nas festas ali realizadas.

Na assistência recorda-nos ter visto entre outras as seguintes sr.^{as}:

Senhora de Le Roy, D. Luercia Oliveira Cesar e filhas, senhora do dr. Gutierrez, condessa de Hemmel, D. Josefa Contreiras, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Adelina Santos, D. Maria del Carmen Maquieira de Borbon, D. Maria Tereza Briffa Raposo Espargosa e filhas, D. Maria de Castro Ferreira de Almeida, D. Stela Becharro da Costa Santos, D. Hiramina Pereira Cardoso, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Alice Sousa Melo, D. Ida Xavier de Brito Barata, D. Maria Emilia de São Paio da Costa Pinto, D. Júlia Ribeiro da Cunha, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Laura de Sousa Madureira Osório, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, D. Cristina de Magalhães Monteiro de Carvalho, D. Irene Anes Caro de Sousa, D. Maria Arantes Pedroso Santos, senhora do capitão aviador Arantes Pedroso, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Maria Amélia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Berta de Parga Pinto Rodrigues e filha, D. Rita de Barros e Sá, D. Margarida Neto, D. Maria Helena Moraes Cardoso de Menezes, D. Maria Isabel de Sousa Martins Braga e filha, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida Costa, D. Ida Fragoso Alcobia, D. Ana Nunes de Carvalho da Mota, D. Palmira Maldonado Fuschini, D. Maria Paiva de Andrade Moraes Cardoso, D. Rita de Barros e Sá Contreiras, D. Maria Luísa Malheiro de Moraes, D. Maria Dargend Pereira Caldas, D. Maud de Mendonça, D. Vana da Fonseca de Barros Gomes, D. Maria del Pilar Benito Garcia Salazar de Sousa, D. Tomaria Ereira, D. Felícia Cardim, D. Júlia de Abreu, D. Maria Tereza Chagas, D. Margarida Borges de Sousa Duarte Ferreira, D. Maria Borges de Sousa Estácio, D. Estrela de Carvalho Papuim, D. Belmira Santos, D. Raquel Pereira e filhas, D. Maria Justina Teixeira Bastos Pereira, D. Maria Henriqueta Ferreira Deusdado, D. Emie Polnay de Castelo Lopes, senhora de Cordier, D. Berta Rosa Limpo Sena, senhora de Schimith, D. Alice Sauvimet Bandeira Bastos, D. Maria Luísa Bramão do Carmo da Cunha, D. Felismina de Sousa de Birão, D. Elisa Andressen Guimarães e filha, D. Maria Monteiro Alves, D. Maria da Conceição Paraíso Mourão, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Franco dos Santos de Castelo Branco, D. Clara Abudarahim Buzaklo e filha, D. Merita Abudarahim Abecassis e filha, D. Virgínia Maria Botelho de Melo, D. Isaura de Castro Araújo de Santana, D. Maria Rompina Teixeira Bastos e irmã, D. Eugénia e D. Sára da Costa Cardoso, D. Berta Belmar da Costa, D. Júlia Abecassis Sernia, D. Maria Antónia de Saldanha Marreças Franco, D. Maria Máxima, D. Maria Amélia e D. Maria Isabel de Melo Arriaga Tavares, D. Sára e D. Maria Burnay Paiva de Andrade, D. Maria Tereza e D. Elisa de la Cierva, D. Carmela e D. Carmen Iglésias Hermida, D. Maria Guerra de Muñoz, D. Juanita Vallerteros, D. Dora Gullon Garcia Prieto, D. Margarida Muñoz, D. Francisca Matesan, D. Graçinda de Castro Araújo, D. Maria Luísa da Veiga, D. Maria Aisberg, D. Tatiana Aisberg de Mendonça, etc.

Festas de caridade

«EM SINTRA»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.^a D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona,

esposa do ilustre Chefe do Estado sr. general António Oscar de Fragoso Carmona, e da qual faziam parte D. Amélia de Guimarães Carvalho, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Felipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Maria Antónia de Melo

VIDA ELEGANTE

Portugal, D. Carlota de Somer Pereira Salgado, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigo, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Seródio, D. Maria Inácia de Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Leonor de Oliveira Lane e Marquesa de Cadaval, realizou-se na noite de 2 do corrente, no Casino de Sintra, um brilhante concerto de caridade, em honra do sr. Presidente da República, cujo produto se destinava a favor da Santa Casa da Misericórdia da vila de Sintra, em que tomaram parte os notáveis professores D. Mariana Dewander Gabriel e Jaime Silva, e os srs. Alvaro de Lacerda, José Maria da Mota e Muacho Gomes da Silva, que foram vibrantemente aplaudidos pela seleta assistência que enchia por completo o vasto salão de festas do Casino. Terminado o concerto seguiu-se baile que decorreu sempre no meio da maior ordem e animação ao som de uma exímia orquestra «jazz-band».

Pela uma hora e meia, foi servida uma finíssima ceia, prolongando-se o baile até de madrugada.

Na assistência notavam-se além do ilustre Chefe do Estado sr. General António Oscar Fragoso Carmona, as sr.^{as}:

D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, Condessa de Valença, D. Cristina Rezende da Silva, D. Elisa Antunes dos Santos de Vasconcelos, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Amélia Guimarães de Carvalho, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Cesaltina Amélia da Silva Carmona e Costa, D. Maria Eugénia Machado Ferreira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filhas, D. Maria Luísa de Melo Ulrich, D. Sára Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Seródio e filha, D. Maria Leonor de Oliveira Lane, D. Hortense Braz Fernandes Reis, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Maria Antónia de Melo Portugal, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Rita de Somer Pereira, D. Helena de Moura e filha, D. Albertina Gomes de Amorim de Guimarães Seródio, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigo e filha, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Marguerith May de Carvalho, D. Maria Amélia de Guimarães Carvalho Maia e filhas, Senhora do Dr. António Joice, D. Sára Leão da Fonseca, D. Maria Carlota de Somer Pereira Salgado, D. Mariana Gomes da Silva, D. Izabel Carmona, D. Maria Margarida Barbosa de

Os artistas que tomaram parte na festa «A noite do cocktail» no Estoril

Meireles, D. Albertina Navarro de Sampaio, D. Leonilde Ribeiro, D. Izabel Anjos, D. Maria Belmuir de Carvalho, D. Maria Oram, D. Alice Horta Santos, D. Aida Carreiro, Senhora de Martinez Garcia, D. Germina Romberg, D. Raquel Benschman Toledo, D. Inghina Leymonie, Senhora de Fonseca e filhas, D. Maria Malheiro, D. Maria da Cunha Correia, D. Izaura de Castro Araújo Santana, Senhora de José Rosa, D. Leonor Cunha Soto Maior, D. Estefânia Coelho da Cunha, Senhora de Ferreira Cardoso, D. Luísa Soares, D. Ema Navarro Hogan, D. Maria Eugénia Sampaio Garrido, D. Maria da Cunha Correia, D. Maria Santos Silva Roque de Pinho (Alto Mearim) e irmã, D. Fernanda Fonseca, Senhora de Gomes, D. Matilde e D. Alda Denis, D. Maria Cunha Neves, D. Maria Gomes de

Amorim, D. Fausta Vieira, D. Maria Pereira dos Santos, etc., etc.

«NO TAMARIZ»

Na tarde de sábado 7 realizou-se na magnífica esplanada Tamariz, no Estoril, gentilmente cedida pela direcção, uma interessante festa infantil, de caridade, organizada por comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor das beneméritas instituições Casa de Protecção e Amparo de Santo António e da Preventoria de Colares, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo obtido o concurso de «çães» um extraordinário sucesso.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro como mundano.

«CHÁ MAH-JONG»

No vasto «hall» do Casino Estoril, realizou-se na tarde de segunda-feira nove do corrente, um «chá Mah-Jong» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Amélia Moraes de los Rios Leitão, Condessa de Carnide, Condessa de Castro, Condessa de Castro (D. Valentina), Condessa das Gálveas (D. Maria Guiomar), D. Eugénia de Avilez Soares Cardoso, D. Judite Benjamim Pinto e D. Nair Bueno do Prado, cujo produto se destina a favor da benemérita instituição Escola Orfanato de Santa Isabel.

Além de mesas de «Mah-jong», houve de «Bridge» e «Bluff».

Na seleta assistência notava-se tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante de Cascais, Estoril, Sintra e Lisboa.

Casamentos

Realizou-se na paróquia dos Anjos, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Amélia Adelaide Costa Barata, gentil filha da sr.^a D. Ana da Costa Barata e do sr. Augusto Tito Barata, com seu primo o sr. António Gonçalves Barata Lopes Galvão, filho da sr.^a D. Amália Lúvia Cardoso Barata Galvão e do coronel sr. João Alexandre Lopes Galvão.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Ma-





ria José Miranda Monteiro e padrinhos o sr. Comendador José Pereira Monteiro e o pai do noivo. Presidiu ao acto o reverendo cônego sr. Dr. Manuel Anaquim, vigário geral do Patriarcado, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados por uma orquestra vários trechos de música sacra, foi servido um lanche na elegante residência dos pais do noivo, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na igreja do Asilo das Cegas, à rua do Século, realizou-se, com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Simone Leonie, com o sr. Diniz de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, ilustre director do nosso presado colega «Jornal do Comércio e das Colónias», servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Maria de Melo Breyner Andrezen, que se fez representar por sua cunhada a sr.^a D. Júlia de Castro e Almeida de Melo Breyner e D. Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, mãe do noivo e padrinhos os srs. Dr. Eduardo Ortigão Burnay e Pedro Bordalo Pinheiro, irmão do noivo.

Ao acto religioso, presidiu o prior das Mercês, reverendo Dr. Marques dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução e lançou a bênção.

— No Porto, realizou-se na paróquia de Bomfim, o casamento da sr.^a D. Elvira Izaura Correia Barbosa, interessante filha da sr.^a D. Elvira Correia Barbosa, e do sr. Paulo Barbosa, já falecidos, com o distinto quartanista de direito sr. João Meneres de Castro Campos, filho da sr.^a D. Lucília Meneres de Castro e Campos, já falecida e do sr. João José da Costa Campos.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus tios a sr.^a D. Orizina Veloso Correia Barbosa e o sr. Jaime de Sousa Correia, e por parte do noivo sua prima a sr.^a D. Maria Beatriz Pinto Meneres Correia Barbosa e seu irmão o sr. Manuel Meneres de Castro e Campos.

Presidiu ao acto o reverendo prior de Santo Ildefonso, amigo íntimo da família da noiva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Durante a cerimónia um esplêndido quarteto executou vários trechos de música sacra.

Terminado o acto foi servido na elegante residência dos irmãos da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Beatriz Perry Vidal Gaia, gentil filha da sr.^a D. Aida Perry Vidal Gaia, e do sr. Alvaro Gaia, já falecidos, com o

Aspecto da festa «na noite do cocktail» no Estoril

sr. Casimiro Rodrigues Freiria, distinto colonial, filho da sr.^a D. Ana da Fonseca Rodrigues Freiria, e do sr. João Manuel Freiria, já falecidos.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Luisa Paiva Raposo, irmã da noiva e D. Maria Amélia Chãmbica da Fonseca Rodrigues, tia do noivo, e de padrinhos os srs. Gustavo Gaia, tio da noiva e comandante António Fonseca Rodrigues, tio do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na residência do tio da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para Africa, onde fixam residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Jorge, em Arroios, realizou-se o casamento da sr.^a D. Isabel Velez Tavares Rabaça, interessante filha da sr.^a D. Maria da Pena Tavares Rabaça e do sr. Manuel Joaquim Rabaça, já falecido, com o sr. Mário Henrique Ferreira Moutela, filho da sr.^a D. Palmira Ferreira Moutela e do sr. Francisco Moutela.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Ana Junqueiro Figueiredo e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. D. Manuel Andrade de Figueiredo e o pai do noivo.

Presidiu ao acto religioso, o reverendo prior da freguesia, conego Dr. Martins Pontes, que depois da missa, que foi resada pelo reverendo Pio, fez uma brilhante alocução. Durante a cerimónia foram executados por côro vários trechos de música sacra.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia de Santos-o-Velho, o casamento da sr.^a D. Maria Cristina Moreira Rato, gentil filha da sr.^a D. Maria Laura Moreira Rato e do comandante sr. Augusto Moreira Rato, com o sr. Luís Nunes de Almeida, filho da sr.^a D. Alda de Carvalho Nunes de Almeida e do distinto engenheiro sr. Avelino Nunes de Almeida. Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo sr.^a D. Margarida de Almeida e de padrinhos os pais dos noivos.

Ao acto presidiu o prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques» partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se na paróquia da Encarnação, o casamento da sr.^a D. Melina Zylbermanowna, secretária da Câmara de Comércio Polaca, em Lisboa, com o sr. dr. César Augusto de Avelar Rebelo.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na pastelaria «A Garrett», um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Henriqueta Soares de Azevedo, gentil filha da sr.^a D. Maria Augusta de Azevedo e do sr. Joaquim Soares de Azevedo, com o sr. José Caetano Proença Junior, filho da sr.^a D. Maria José de Azevedo Proença e do sr. José Caetano Proença.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Ana Ranito de Almeida Euzebio e D. Maria dos Anjos Gomes Gonçalves, e de padrinhos os srs. dr. José de Almeida Euzebio e João Gonçalves Jacinto.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na residência dos noivos, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Em Olhão, realizou-se na igreja de Nossa Senhora do Rosário, o casamento da sr.^a D. Maria Solange Correia Guerreiro, interessante filha da sr.^a D. Maria da Assunção Correia Guerreiro, e do sr. Viriato Gouveia Guerreiro, com o sr. dr. José Duarte Figueiredo, filho da sr.^a D. Violante de Figueiredo e do capitão Amadeu de Figueiredo, ilustre governador de Cabo Verde.

Fôram madrinhas a sr.^a D. Maria Tereza Gouveia Guerreiro e a mãe do noivo e padrinhos os srs. conselheiros Frederico Alexandrino Garcia Ramires e dr. Afonso de Melo Pinto Nelosa.

Ao acto religioso presidiu o reverendo Leonel Diogo dos Ramos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia dos Anjos, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Helena Costa Gonçalves, gentil filha da sr.^a D. Mariana Costa Gonçalves e do sr. Alfredo Gonçalves, com o sr. José Pinto de Sousa, filho da sr.^a D. Balbina Rosa Delgado Pinto de Sousa e do sr. João Pinto de Sousa.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Costa e D. Carolina Bengala, e de padrinhos os srs. Virgílio Costa e Olímpio Jaime Bengala.

Finda a cerimónia foi servido num finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia de Santa Justa e Rufina, realizou-se presidido pelo reverendo prior, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Joaquina Clara Belo, interessante filha da sr.^a D. Elvira Clara Belo e do sr. Raul Guilherme Belo, com o sr. Manuel Augusto Pinto dos Santos, filho da sr.^a D. Maria da Purificação Santos e do sr. José Augusto dos Santos. Fôram madrinhas a sr.^a D. Clara das Neves Sequeira Martins e a mãe do noivo e padrinhos o sr. Manuel Martins e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

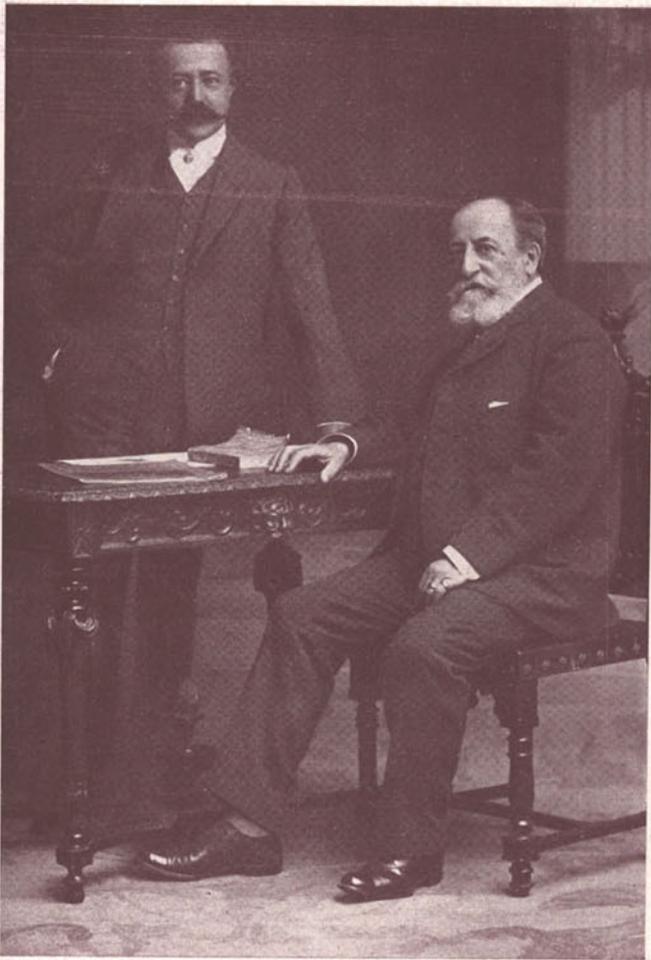
— Realizou-se na paróquia de S. Jorge em Arroios, o casamento da sr.^a D. Maria Augusta Matilde, interessante filha da sr.^a D. Maria Amélia Matilde e do sr. João Nunes Matilde, com o sr. Serafim António Joia Teodósio, filho da sr.^a D. Maria Lopes Joia Teodósio e do sr. João António Lourenço Teodósio.

Serviram de madrinha as sr.^{as} D. Maria Alexandrina e D. Ana Matilde das Neves e de padrinhos o sr. Guilherme Braz das Neves e o pai do noivo. Presidiu ao acto o prior da freguesia, reverendo cônego dr. Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Na elegante residência dos pais da noiva foi servido após o acto religioso, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno.

Evocação de Saint-Saens



alguns dias este senhor declarou ao diplomata, que não podendo suportar o frio rigoroso do inverno em Paris, se encontrava em Cádiz de passagem para as Canárias, para onde embarcava no dia seguinte.

O nosso compatriota entregou-lhe então o seu bilhete de visita, que o francês disse não poder retribuir, por não ter ali bilhetes, que se chamava Charles Lannois e que teria o maior prazer em o tornara ver no seu regresso das Canárias.

No começo do ano seguinte, chegou a Cádiz o novo consul de França, monsieur Louis de Laigne, que foi para o mesmo hotel.

Um dos primeiros dias de Março o senhor de Laigne contou ao marquês de Faria, que todos

se ocupavam da *de aparição* do grande compositor Saint-Saens e que ele tinha recebido um officio do govêrno francês dizendo-lhe que constava que Saint-Saens, tinha estado no Hotel de França, em Cádiz. O representante de França perguntou ao nosso compatriota, que ali residia desde 1886 se não o teria visto ali.

O Marquez de Faria declarou ao Senhor de Laigne, que o único francês que ali estivera se chamava Charles Lannois e que devia haver engano. Saint-Saens, nunca ali estivera.

Chamada a atenção do Marquez de Faria para o eminente compositor, nunca mais deixou de ler nos jornais tudo o que se lhe referia e assim soube, que Saint-Saens estava há muitos anos separado da esposa e que tinha perdido, em pequenos, os seus dois filhinhos.

Vivia com sua mãe que elle adorava. Em fins de 1888, Gaillard, director da Ópera, pediu-lhe com o maior empenho, uma ópera para ser representada em Paris, durante a Exposição Universal de 1889.

Saint-Saens deixou sua mãe, partiu para a Algéria e em seis meses de trabalho aturado, compôs "Arcanio".

Regressou a Paris e entregou o manuscrito a Gaillard que lhe disse que a sua obra só poderia ser representada depois da Exposição. Saint-Saens viu logo que não poderia ter o successo que sonhára visto que não assistiriam à "première", os numerosos estrangeiros vindos para a Exposição.

Foi enorme o seu desgosto, aumentado com a morte de sua mãe, que durante 6 meses estivera privada da sua companhia. Perdera pouco antes o seu melhor amigo, Gounod.

Deu todos os manuscritos que possuia de Gounod e os seus próprios à casa Erard. Mudou de casa e ofereceu todos os objectos de arte que lhe recordavam cruelmente sua mãe, ao museu de Dieppe.

Quando saía de Paris, escondendo-se para trabalhar, só uma pessoa sabia a sua morada: o seu editor Durand, seu grande amigo.

Constou-lhe que Gaillard ia pôr em cena Arcanio. Se o público não recebesse a ópera como elle sonhára endoideceria de desgosto. Saiu de Paris e escondeu-se sem dizer mesmo a Durand para onde ia.

Representou-se Arcanio e o público convencido de que Saint-Saens se suicidára de desgosto, pelo desaire que lhe fizera Gaillard. ovacionou a "première", estrondosamente. Todos os jornais e revistas publicaram o seu retrato.

Em Abril regressou Saint-Saens das Canárias onde os seus companheiros de hotel o tinham reconhecido pelos retratos descobrindo-lhe o incógnito. Uma manhã estava o marquês de Faria almoçando em Cádiz e veio o creado dizer, que Saint-Saens acabára de chegar ao hotel e o procurava. Respondeu que devia haver engano, porque não tinha a honra de conhecer pessoalmente Saint-Saens.

O creado voltou insistindo e foi então que o marquês teve a surpresa de ver aparecer Charles Lannois!

Disse-lhe que era Saint-Saens e que o procurára porque o marquês tinha sido amigo d'elle sem saber quem elle era, e que podia contar com a verdadeira amizade de "Charles Lannois", e efectivamente assim foi até à sua morte.

Pediu-lhe para obter no "Casino Gaditano", a colecção do "Figaro", desde que saíra de Paris até aquella data conheceu assim o seu triunfo e soube que duas aventureiras julgando o morto tinham-se habilitado como herdeiras dizendo-se suas filhas naturais.

Em 1913 visitou Londres onde foi tocar festejando com a representação de "Samson et Dalila", os sessenta e cinco anos de pianista. Havia 65 anos que sua tia M.^{me} Charlotte Masson lhe tinha posto as mãos no piano pela primeira vez. Foi a Richmond visitar El-rei D. Manuel e é interessantissima a sua entrevista com o falecido Rei, que foi publicada no "Echo de Paris", de 1913.

Foi uma soberba inspiração ao recordar Saint-Saens procurar o marquês de Faria o que proporciona a ocasião de publicar o único retrato que há de Saint-Saens com um português, o seu grande amigo António de Faria, a quem Saint-Saens, que também era poeta, dedicou uns interessantissimos versos.

Maria de Eça.

PASSA no dia 8 de Outubro o centenario de Saint-Saens, o brilhante pianista e insigne compositor, que todo o mundo conhece e admira.

Desejando dizer alguma coisa sobre esta data célebre nos anais da música, que Saint-Saens enobreceu, com soberbas composições, lembrei-me de procurar o meu illustre amigo o senhor marquês de Faria, que eu sabia ter sido amigo do célebre Saint-Saens, como de quasi tôdas as celebridades mundiais; que tem encontrado na sua vida de diplomata, de homem de sociedade e de intelectual.

E' interessante e curiosa a maneira como o nosso compatriota conheceu o grande compositor.

O marquês de Faria foi vice-consul-chanceler do consulado de primeira classe, de Portugal em Cádiz, de 21 de Janeiro de 1886 a 17 de Novembro de 1891.

A 5 de Dezembro de 1889, vindo de Paris onde tinha ido de licença, regressou a Cádiz e foi para o hotel de França onde sempre residiu. Era ainda a época em que os hotéis tinham uma só mesa para todos os hospedes: a chamada mesa redonda. Comunicativo começou a falar com o seu companheiro da direita, homem distinto, de nacionalidade francesa, que tinha uma agradável conversa, erudita e animada.

Depois de cada refeição habituaram-se a ir juntos tomar o café à confeitaria da "Cruz Blanca", perto do hotel. Passados



A morte do duque de Viseu, irmão de D. Leonor

alimentar as crias do seu ninho, e só do seu ninho. O marido acrescentou-lhe a legenda: «Pola ley e pola grey» que se tornou célebre.

Sete anos depois, a amante do soberano dava-lhe também um filho que parecia bem fadado, pois nascera quando D. Afonso V deixara de existir. Como é sabido, «rei morto, rei posto».

Nessa altura, começou a luta surda e terrível entre D. Leonor e seu marido que «por escusar desgostos caseiros — segundo o testemunho de Frei Luiz de Sousa — determinou tirar diante dos olhos» o intruso que seguiu com três meses de idade para o convento de Aveiro, onde teve como mãe e educadora a princesa Santa Joana.

Embora Garcia de Rezende declare, na sua parcialidade de palaciano adúlador, que D. João II confessou à rainha as suas antigas levandades e esta não só lhe perdoara, mas até consentiu que o bastardo regressasse a Évora a juntar-se com o irmão legítimo, o mesmo historiador diz, mais adiante, o contrário, deixando-se descaír para a verdade:

«El-rei depois da morte do príncipe (D. Afonso) deu logo carregado do senhor D. Jorge seu filho a D. João, conde de Abrantes; e por tirar paixão à rainha sua mulher com a vista do senhor D. Jorge, lembrando-lhe a morte do príncipe seu filho, houve el-rei por bem, que por então não viesse a sua casa. E em caso que el-rei o fizesse com fundamento honesto, e virtuoso, a rainha houve disso desprazer; e tanto, que depois que el-rei lhe requereu e muito apertadamente lhe



D. João II

D. Manuel I

«POLA LEY E

D. João II e D. Leonor

Uma luta entre esposos

pediu, que o tornasse a recolher a sua casa, foi nisso tão dura, e tão contrária, que, recebendo por isso del-rei muitos desfavores, nunca em vida del-rei o quiz ver nem recolher».

Mas o golpe, o grande golpe que mais fundamente feriu o coração da rainha D. Leonor foi o bárbaro assassinio de seu irmão D. Diogo, praticado quasi à traição por seu marido.

Nasceu aqui êsse ódio terrível que para sempre os separou. Depois de «ter feito justiça» conforme declarou para se justificar ante a esposa, o soberano mandou chamar o irmão mais novo do assassinado, talvez para lhe dar sorte igual. Pelo menos, D. Leonor assim o esperava, pois de tudo julgava capaz o seu real marido.

Chegou D. Manuel com o coração oprimido, que se pode calcular. Ali, a seus pés, jazia o corpo do irmão com o peito rasgado por uma punhalada traiçoeira...

O rei, depois de lhe explicar em breves palavras a razão da sua justiça, deu-lhe a mão a beijar, embora ainda estivesse salpicada de sangue do irmão. D. Manuel, numa subserviência revoltante, ajoelhou e beijou sofregamente a mão do assassino que para começar a longa série de benefícios que lhe reservava, ali mesmo o nomeou duque de Beja!

Em boa verdade, D. Manuel tinha tudo a lucrar com o assassinio do irmão. Daí talvez a sua gratidão ao algoz...

D. Leonor é que nunca esqueceu êste crime espantoso.

Quando o príncipe D. Afonso casou com a princesa Isabel de Espanha, foram organizadas festas magníficas como era de uso em tais casos. Nestes folguêdos não tomaram parte a rainha que de tudo parecia alheada, e o rei que, tendo grande afeição ao filho legítimo, não ocultava a preferência que nutria pelo bastardo, em tudo mais parecido com êle.

Damião de Gois diz-nos com tóda a clareza que «a vontade e desejo de el-rei D. João foi sempre de deixar o reino a D. Jorge seu filho bastardo, e vivendo houve entre êle e a rainha sôbre êste negócio muitos desgostos, contudo

POLA GREY»

D. Leonor

que dura uma vida inteira

como el-rei era homem sujeito a tóda a boa razão tomou nesta parte secretamente o parecer de pessoas prudentes, e de boa vida, por conselho das quais declarou em seu testamento por herdeiro D. Manuel».

Com que mágia êle o fazia! Mas a rainha D. Leonor, fria como a Morte, inexorável como o Destino, defendia o interesse do irmão que lhe restava.

Então começou D. João II a compreender o simbolismo do pelicano que enfeitava as suas armas por determinação de sua mulher. Começou também a dilacerar o peito para alimentar o filho querido que a formosa D. Ana de Mendonça tão amorosamente lhe dera.

Pobre D. Jorge! Porque não havia de ser rei? Bastardo havia sido D. João I, e nem por isso deixara de ser o fundador da dinastia. Seria D. Tereza Lourenço mais nobre do que a sua querida D. Ana de Mendonça, que todos consideravam «mulher muito fidalga, e moça formosa de mui nobre geração?»

Estas e outras razões não chegavam para comover a rainha sempre dura e inflexível.

Um dia, adoeceu gravemente após ter bebido água na sua herdade da Fonte Coberta. Estava envenenado.

O seu copeiro-mór Fernão de Sousa e Estevão de Sequeira, que também beberam dessa água, resistiram menos, e morreram horas depois.

Volta à cena a questão da sucessão. Mais uma vez o rei quer que seja o bastardo a herdar os seus reinos, e mais uma vez a rainha se opõe com uma tenacidade terrível.

Entretanto, D. João II ia dilacerando o peito para alimentar, às escondidas da rainha, o filho que lhe nascera fóra do ninho.

Depois da morte do príncipe D. Afonso, o rei obteve do papa, em favor do bastardo, a governança e ministração dos mestrados de Santiago e de Aviz. Queria torná-lo digno e semelhante em tudo a D. João II!

Ao pobre D. Jorge faltou o génio irrequieto do filho de D. Tereza Lourenço, a espada flamejante de

Nun'Alvares e a poderosa dialectica do mestre João das Regras. Com tudo isto o novo mestre de Aviz conseguiria dominar essa nova rainha D. Leonor...

Sacrificou-se, vendo o pai succumbir ao veneno que mão misteriosa lhe propinara com tal ódio que não hesitou em empenhar uma fonte em que muitas outras pessoas bebiam.

O bastardo sacrificou-se e aguardou os benefícios que o irmão da rainha, arvorado em rei, se dignasse conceder-lhe.

Esta submissão não desagradou ao novo soberano que, no ano de 1500, celebrando-se o descobrimento do Brasil, deu a D. Jorge, além do título de duque de Coimbra, o senhorio de Montemor-o-Velho, e uma noiva de boa linhagem... uma sobrinha do duque de Bragança que D. João II fizera subir ao cadafalso!

Terminara aqui a missão da rainha D. Leonor. Agora, a nova soberana era a viúva do príncipe D. Afonso que deveria ser o rei de Portugal, se um desastre lhe não cercesse a vida.

D. Manuel, tendo-lhe herdado o trôno, fortuna e bens, julgou-se com direito a herdar-lhe também a mulher, e conseguiu-o. E, enquanto a nova rainha exigia do marido a expulsão dos judeus, consoante sua mãe lhe segredara de Espanha, a rainha D. Leonor recolhia-se às Caldas da Rainha a espalhar benefícios entre os desprotegidos da sorte.

Se algumas suspeitas caíam sôbre tão desventurada soberana, esta diluiu-as com a magnanimidade do seu coração generoso. Não procurou o auxílio dos nobres

e poderosos que tanto tinham amargurado a existência ao seu marido, e que de bom grado lho teriam concedido. Rodeou-se de pobresinhos sem eira nem beira, sem arrimo e sem conforto. Seria a mãe de todos êsses infelizes, já que Deus a julgara indigna de ser mãe dum príncipe garboso e feliz como o príncipe D. Afonso que na Ribeira de Santarém encontrou tão desastroso fim.

Transformando o seu confessor Frei Miguel Contreiras em seu secretário, a rainha D. Leonor ordenou a instituição das Misericórdias que ainda hoje espalham o bem através do país.

Enquanto D. João II se estorcia nas convulsões da agonia no seu refúgio de Alvôr, visionando talvez as suas numerosas vítimas, sua mulher, após tantos anos de sofrimentos, lembrava-se de todos os que sofriam e ia levar-lhes lenitivo aos seus males.

Para se avaliar o sofrimento alheio é necessário ter sofrido muito. Por isso, a devoção caritativa desta santa princesa pode ser graduada pela grandeza das máguas que lhe alancearam a vida na mais bela quadra que lhe poderia ter.

Assim, D. João II desceu ao túmulo, e D. Leonor, rodeada de linhos de gratidão, foi colocada num altar.

Ali se conservará perpétuamente, cada vez mais digna do símbolo do pelicano que, um dia, escolheu para as suas armas, e tão bem definiria a sua caridade, rasgando o próprio seio para alimentar todos os desprotegidos que sempre considerou seus filhos.



Inauguração do monumento a D. Leonor nas Caldas da Rainha

INEZ estava triste, nessa noite de alegria e de folgança. E quem a observasse bem logo conhecia, pelo seu ar retraído e pela melancolia que lhe velava o olhar, que a rapariga tinha qualquer secreta mágoa.

Aqueles que nada sabiam do seu passado não viam razão aparente para que vivesse assim amargurada. Filha de gente rica, fora desde pequena coberta de ternura e o que a sua bôca pedia imediatamente lhe era dado.

Demais, Inez era filha única e todos os cuidados da família pertenciam à menina mimada.

Os avós eram, como todos os avós, uns lamechas que nada lhe recusavam. Se a lua se vendesse, e ela a pedisse, compravam-lhe a lua.

Os pais, se bem que para sua educação misturassem um pouco de severidade aos seus afagos, também não lhe faltavam com brinquedos e guloseimas com fartura.

A pequena tornou-se um pouco voluntariosa, senhora da sua vontade, mas no fundo era meiga e dedicada e adorava todos os seus.

Fez exame de instrução primária e não seguiu um curso superior, só porque o médico da casa achou que estava fraca e aconselhou os pais a não a deixarem estudar, a não ser que quisessem que ela fôsse alardear de sabichona para o outro mundo. Tanto mais que a Inezita adorava a música, passando horas sentadas ao piano, e não queria deixar os seus estudos musicais.

Apezar do seu carácter romântico, ela até aos dezoito anos foi rapariga como as outras, brincou com bonecas e namoriscou.

Mas veio a conhecer um amigo da família de volta de uma longa estadia nas Colónias e dele se enamorou. Como o rapaz gostava dela também, casaram, muito a contento dos pais, porque êle parecia boa pessoa e tinha alguma coisa de seu.

Mas a sua ventura foi sol que pouco durou, e logo se lhe seguiu a noite escura da desilusão.

O marido mostrava adorá-la, a princípio, tinha mesmo manifestações de profundo amor. Mas, enigma eterno que é o coração do homem, começou esfriando e um belo dia — triste dia para ela — voltou para o solo africano e nunca mais deu novas suas.

Inez sofria, mas para não afligir a família fingiu resignar-se.

FARRAPOS DUMA VIDA

Naquela noite festejavam-se as bodas de prata dos pais e Inez, mais entristecida, comparando a sua pouca sorte com a felicidade daquela união, fugiu ao barulho da música e das conversas e fechou-se no seu quarto.

Sugestionada por sempre vivas recordações, começou escrevendo, ao ingrato ausente, uma carta que talvez nunca chegasse a mandar-lhe:

"Partiste, nunca me escreveste uma linha e decerto nem te lembras já que tens aqui uma espôsa a definhar de má-gua.

"Eu podia divorciar, mas não quero fazê-lo. Não pretendo casar de novo, para experiência bastou-me esta vez.

"Não posso esquecer-te, porque fui sincera no meu amor.

"E tu também parecias querer-me de-veras. Não podias estar muito tempo sem me ver. Quando os teus negócios te afastavam de mim, por horas que fôsse e não podias ver-me, falavas-me pelo telefone.

"E que loucuras me dizias. Tão longe de mim e de tão cerca me perturbavas com a evocação dos dôces momentos há pouco vívidos e que tu, mau, recordavas, para que o meu espírito não sossegasse nunca, para que os meus nervos, a minha alma, tôda eu, enfim, continuasse presa do teu sortilégio, do encantamento das tuas carícias.

"E, poeta no sentir, tu, que não sabias rimar os teus anseios, recitavas-me ao

telefone versos de amor, versos que diziam com o teu pensamento:

*Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e afague o meu desejo!
Ferve-me o sangue! Acalma-o com teu beijo!
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vivê só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!*

"Oh! que voz a tua, murmurando as estrofes apaixonadas do divino Olavo Bilac — o sacerdote máximo do amor!

"Eu mal podia falar e sonambula, adormecida por êsse mago poder da poesia coada pela tua voz, cada vez mais perto, como se estivesse falando dentro de mim, pedia-te: — "Mais, mais, dize mais."

"E tôdas as noites, à hora em que sabia que me chamavas, eu deixava tudo, eu nem jantava, eu largava família, largava amigas, para ir fechar-me, com o meu telefone, à tua espera.

"Ainda agora me parece ouvir aquela voz terna, velada, como que afogada numa onda de volúpia que também a mim me submergia loucamente.

"Por isso quero muito ao meu telefone. E não hei-de eu querer-lhe, se êle eras tu, se era a tua bôca que me falava!

"Gostava de enfeitá-lo com rosas e, enquanto te escutava, aspirava o seu perfume como se a tua bôca estivesse ali à beirinha, e fechava os olhos para melhor recolher dentro da alma a tua voz.

"E quantas vezes os meus lábios roçaram o bocal frio e indiferente, esperando encontrar o dôce calor dos teus beijos.

"Hoje tudo acabou. O telefone calou-se e parece que sôbre êle uma nuvem de tristeza paira aflitivamente.

"Não haverá sentimento nas coisas inertes? Quem sabe se o meu telefone não sente a falta das tuas falas e se não sofre, vendo-se agora abandonado e tão sozinho...

"Ainda lhe ponho flores, sabes? Mas essas rosas que hoje o enfeitam têm o aspecto fúnebre dos ramos que se dão aos mortos.

"As outras queriam significar: vida! amor! Estas só dizem: desolação e saudade!"

— Então, Inez, que fazes aí, sozinha? gritou da porta uma amiga convidada impaciente.

— Vim pôr um pouco de pó de arroz, responde ela escondendo a carta sob a almofada. Se queres, entra e arranja-te, também."

Nisto retine a campainha do telefone. Inez, ligando irreflectida o passado ao presente, cora de comoção e levanta o auscultador, fremente de anciedade:

— Está lá? Quem fala?

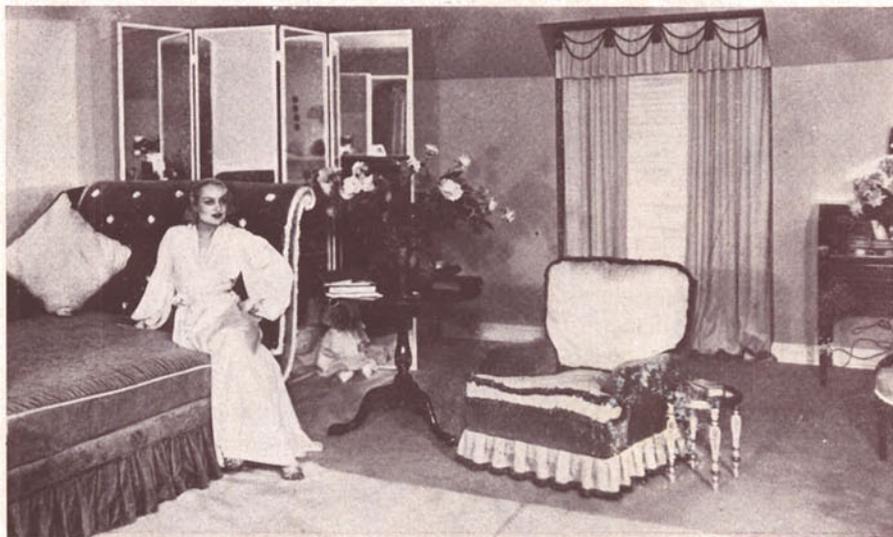
Uma voz que não era aquela com que sonhava replicou-lhe:

— Queira desculpar, foi engano.

Arrastada pela amiga despreocupada, Inez teve que voltar à sala.

E sorria... quando lhe apetecia chorar!

Mercedes Blasco



CINEMA

Projectos e realizações

WALTER WANGE, um produtor que trabalha por conta da «Paramount» vai fazer um filme inteiramente em cores naturais que se intitulará «Leonardo de Vinci». Trata-se, já se vê, duma biografia romanceada do genial pintor italiano, cuja figura célebre será incarnada por Charles Boyer.

Como é de supôr o filme ocupar-se-á também da Gioconda e de Mona Lisa. Por isso Sylvia Sydney, cujo sorriso tem sido tantas vezes comparado ao do famoso quadro, foi escolhida para interpretar êsse papel.

Pode considerar-se terminado o filme de Charlot «Tempos Modernos», cuja estreia foi já anunciada para os primeiros dias de Novembro.

O grande cómico vai agora dedicar-se, pela primeira vez nos últimos dez anos, a produzir uma numerosa série de filmes. De facto a «United Artists» anuncia que Charlot realizará para a sua distribuição, no decurso dos dois anos próximos, nada menos de seis grandes filmes. Quatro destes filmes terão como protagonista Paulette Goddard, a artista que Charlot descobriu e que se diz ser sua mulher. Os outros dois filmes serão interpretados pelo próprio Charlot. Um dêles será «Napoleão», baseado no argumento de Bernard Zimmer, o que corresponde à realização dum antigo projecto de Charlot. Quanto aos filmes de Paulette Goddard, o primeiro será uma farsa, o segundo uma comédia dramática e o terceiro, provavelmente, uma versão falada de «Opinião Pública». A realização de todos êstes

filmes será dirigida pelo próprio Charlot.

Alfred Chaumel acompanhado por um grupo de cineastas acaba de fazer uma extensa viagem que o levou a Ceilão, ao



Divertimentos de verão das «girls» de Hollywood

fez a um jornalista francês as seguintes declarações:

«Três salas de espectáculos todas com filmes falados em francês dividem entre si o público abexim. Infelizmente, é para lamentar que os filmes que lhes enviamos sejam tão mal escolhidos. Fala-se em civilizar um país e apresentam-se filmes de «gangsters», com assassinios, tiros de revólver e facadas...»

Cambodge, à Indo-China, a Xangai e que no regresso o trouxe à Etiópia.

Falando do cinema neste país, Chaumel

O Rato Mickey e o actor do cinema que mais correspondência recebe. Aqui o vemos sobre uma imponente pilha de cartas



Dizem os cronistas da vida mundana de Hollywood que Jean Harlow ostenta há alguns dias na mão esquerda um magnífico anel de diamantes, donde se pode concluir que a «estrêla» dos cabelos platinados está noiva.

William Powell é indigitado como possível doador do anel. Quando lhe falam no caso, nega e sorri...



Atenuara-se a dor do filho, na doce felicidade de marido e pai. Os seus filhos chamaram-no à vida, o seu povo precisava d'ê-lo, e a sua dor acalmara-se, o deus inclinou-o e a que tivesse coragem para viver, e, sobretudo o sorriso daquela que adorava faziam-lhe ver que a vida ainda tinha encantos. Uma manhã nas margens desse encantado lago dos Quatro Cantões, no seu automóvel corriam os dois jovens esposos felizes de viver e de estar juntos, alegres da beleza a que os rodeava, mas a fatalidade que esprieta a felicidade, que a odeia e que a destrói, faz com que uma «déravage», inesperada, lançasse na morte a jovem rainha, e no mais lancinante desgosto o jovem rei, que tem o horror de pensar que sendo ele quem conduzia o carro, tinha nas suas mãos e vida da que era para ele a melhor joia do seu tesouro. É horrível a morte da mulher que deixa atrás de si filhinhos na orfandade, mas entre a sorte dos dois a dela é menos dolorosa. Astrid ficará sendo na história da Bélgica, na história da humanidade

Em geral quando morre alguém diz-se sempre que era muito boa pessoa, embora em vida, as mesmas que depois do seu desaparecimento a elogiam, tivessem dito as viúvas coisas dessa pessoa.

Mas há na verdade mortes que são unanimemente sentidas e choradas e, a pessoa que desaparece não é só elogiada por esse lemor que se apossa da humanidade diante da morte, mas é sentidamente pranteada por todos.

A morte da rainha Astrid da Bélgica, é uma dessas. Ninguém se pode sentir indiferente diante do desaparecimento dessa rainha, dessa esposa, dessa mãe, que, deixando a vida tão nova, legou às mulheres do seu tempo um exemplo de vida admirável e encantador.

Não é por ser rainha, que é chorada; qualquer mulher nova, esposa e mãe dedicada, deixa a maior pena aos que a conhecem, e, quantas rainhas não morrem que podem ser choradas pela sua família, quando muito pelo seu povo, mas cuja morte não abala o sentimento humano, como o fez o trágico fim da jovem e bela rainha da Bélgica.

O povo belga tornou-se depois da guerra o símbolo da recitidão porque levado pelo seu cavalheiresco rei, ele soube sacrificar-se até à última para não faltar aos seus compromissos. Não há ainda um ano que sofreu o imenso desgosto de perder o seu Rei, que era em o símbolo da dignidade e da rigidez de carácter.

Mas subia ao trono um jovem par em que repousavam todas as esperanças. As suas lágrimas eram sinceras, mas atrás d'êles estava a vida, e o amor forte e seguro que unia as suas almas, era um penhor de felicidade, como se a felicidade pudesse ser deste mundo.

Leopoldo III ferido no pesado encargo de filho tomou aos ombros o pesado encargo de reinar, ajudado pelo doce sorriso da sua companheira adorada, da rainha que o seu coração tinha escolhido, dessa linda princesa que ele fora buscar, como nos contos de fadas a esse branco país das neves, onde a sua ideal beleza tinha desabrochado.

Não era só bela a princesa sueca, era uma mulher consciente dos seus deveres, e, que sabia amando o seu marido, ser uma esposa dedicada e uma mãe exemplar.



PÁGINAS FEMININAS

uma rainha de lenda. Essa rapariga simples, dedicada, que adorava o marido, que vivia para os seus filhos, uma vida simples e pura, uma vida de burguesa, que atravessava as ruas da sua capital empurrando o carrinho de seus filhos, feliz de ser mãe, de ser bela, de ser mulher e mãe, é um modelo para a mulher de hoje.

Astrid foi a mulher moderna, a rainha da sua época e um exemplo e um protesto contra a futilidade feminina.

Duma caridade inexgotável, duma bondade sempre igual, ela tem direito às lágrimas das mulheres que sabem sentir e compreendem o que pode e deve ser a vida duma rainha e qual a sua influência. Ninguém pode ficar indiferente ao desaparecimento tão brusco, tão brutal da rainha da Bélgica.

Esse golpe terrível, atirou para a sepultura uma mulher nova, bela e que tinha uma vida útil, para o desporto um homem que via a vida e para a orfandade três crianças, a que nada faltará na ordem material das coisas, mas que ficaram privadas do maior bem que se pode ter na vida: o amor de Mãe!

Maria de Eça

A Moda

ESTAMOS em pleno Outono e a moda da meia estação está lançada. Nota-se nela a mesma tendência da moda de primavera e de verão, sobretudo nos vestidos de noite e de «toilette». A moda 1935 tem a fantasia de fazer renascer a moda de há sessenta anos e os vestidos de folhos, os penteados com flores transportam-nos aos tempos em que as nossas avós faziam as suas comediadas reverências nos salões onde se dançavam quadrilhas e onde a valsa a dois tempos começava a fazer a sua aparição.

Nos vestidos de dia e de desporto a última novidade são vestidos e abafos, que têm qualquer coisa, no seu corte que nos faz lembrar militares.

E' mau que a moda se lembre de se inspirar no uniforme. Isso dá-se sempre em épocas, em que no ar há cheiro a pólvora.

E nada mais inútil e desgraçado para a humanidade do que a guerra.

Para de manhã, para desporto, e para abrigar dos primeiros frios outonícos, damos um modelo, que é a última novidade da estação: a capa. Esta capa, que faz lembrar as capas dos oficiais no seu corte, é em «suede» castanho e bege, formando uns quadrinhos mal marcados. A gola alta e o cabeção têm a maior originalidade.

Leve de peso e fácil de tirar e pôr, é um abafio comodíssimo. O chapéu que a acompanha é em feltro castanho guarnecido com veludo e uma elegante fiavela em «strass».

Em género simples é a última e elegantíssima novidade, prática porque serve também para a chuva e muito bonita e cômoda.

Para a tarde um elegantíssimo «tailleur» em lã «cloqué» fundo preto com grandes bolas brancas. A saia muito direita é da maior simplicidade, a jaqueta tem uma forma oviforme e muito elegante, fazendo nas costas um macho, que se solta na cintura fazendo uma aba rodada do mais gracioso efeito. O peitinho em «organiza» de seda tecido mais conhecido por «organiza», forma «jabot» na frente e uma gola franzida.

O chapéu em feltro branco, tem a pequena aba forrada de veludo preto e é guarnecido com uma pena preta e um veu preto. A «toilette» é completada por luvas em suede preta e meias de seda preta, com sapatos em camurça.

E' para notar este regresso à meia preta e de cor escura, que na realidade tem a vantagem de afinar as pernas e é duma muito maior distinção.

Um artigo de «toilette» que a mulher sempre apreciou muito e com razão, porque se presta muito a fazer variados efeitos é a «écharpe».

A mulher graciosa que sabe manejar com arte essas longas tiras de seda ou gaze, pode tirar delas o maior partido, para fazer brilhar a sua elegância. Damos um lindo modelo de «écharpe» em «mousseline imprimée», tendo nas pontas

franjas umas grossas borlas em «viel or». A maneira de a colocar é graciosíssima: é a maneira oriental, essa maneira que torna tão interessante a mulher «hindu» envolta nas suas musselinas.

Para a noite um deslumbrante vestido em tule branco. Um desses vestidos evocadores de outras eras, e cujo desejo de os imitar foi sugerido aos criadores da moda, pelos filmes históricos em que as estréllas nos aparecem tão deslumbrantes com êles.

Rodado e cheio de folhos assenta sobre uma saia em setim branco. O decote é guarnecido por flôres de «cellophane» que também guarnecem o penteados, que se cinge à moda de então. O decote deixando os ombros a descoberto, é discreto e de grande elegância. São estas «toilettes» que tornam a mulher de hoje encantadoramente feminina.

Modo de conhecer o caracter pelo riso

DEVEMOS dar sempre atenção à maneira de rir das pessoas com quem tratamos.

Parece que não tem importância e define o caracter. As pessoas que riem em Ah! Ah! Ah! esse riso tão simpático e comunicativo, revelam um caracter muito volúvel, que muda facilmente de afeições, irrevolvemente apaixonado de movimento e barulho.

Ao contrário o riso em E, tão peculiar aos homens, indica um pouco de fleugma e quem sabe também um pouco de melancolia.

As pessoas que riem em I têm em geral uma alma de criança, serival e dedicada. São naturezas encantadoras, às quais só devemos desejar que sejam menos tímidas e menos irresolutas.

Aqueles que dobram o riso em O são gene-



rosos e audaciosos, cheios de coragem para a aspera luta da vida, encaram tudo com optimismo.

Coltados dos que riem em U, poucas vezes riem e pode dizer-se sem medo de exagerar que são pobres vítimas da misantropia.

A casa

NA cidade ou no campo, a mulher tem o dever de ter sempre no seu ambiente por mais modesto que seja, uma pequena nota de arte, de gosto ou de graça.

Numa pequena casa tudo serve para a embelezar. «Cretones», cadeiras de verga, almofadas garridas, um grande abat-jour em papel frisado, florido e alegre. Um tapete colorido. Nas paredes umas aguarelas e eis improvisada uma casa familiar, a que um divan, pode dar mais conforto, e a que ilustrações, livros, um trabalho começado sobre a indispensável mesa, darão esse especto de vida intelectual em comum, que torna tão simpáticas as casas onde assim se vive e, tão frias e afastadoras aquelas que têm o aspecto desahitado no seu excesso de correcção e arranjo. O arranjo é indispensável, mas a vida é tudo.

Higiene e beleza

CADA vez é maior o número de desenhos que se queixam de possuir uma pele gordurosa.

Em geral é um mal que vem do estado geral. É preciso fazer exercício e viver o mais possível ao ar livre e ter uma alimentação em que predominem as hortaliças e a fruta.

Para a gordura da pele se apresenta com pontos negros e tendência para acné, deve fazer-se o seguinte: Lavar a cara com água quente e um bom sabonete de manhã e à noite, em seguida fazer umas loções com algodão embebido em alcool boricado.

Não usar cremes senão em último caso e esses mesmos, só os que são indicados para peles gordurosas.

Na escolha dos cremes tem de haver o maior cuidado. A noite polvilhar a cara com talco em pó. No pó de arroz é preciso ter cautela de só usar muito bom e que seja também próprio para esta qualidade de pele. Rouge só se deve usar em pó comprimido.

Receitas de cozinha

Torta de queijo: 250 gramas de queijo amargo ou branco, bem escurrido, aberta-se dentro dum guardanapo até lhe sair todo o liquido. Trabalha-se numa tjeira de agata, até que fique numa massa.

Depois mistura-se-lhe um decilitro e meio de crème, 125 gramas de açúcar em ponto, meia de açúcar de bânilha ou açúcar de lanranja, uma pitada de sal fino, duas colheres de manteiga derretida e dois ovos batidos como se fossem para uma omelete.

Com 300 gramas de massa própria para torta forma-se um círculo que se enche de manteiga; deve ter 26 centímetros de diâmetro; colocando a massa acima das bordas duma lareira, guarnecer-se com a composição preparada e semear-se por cima alguns bocados de manteiga; e coze-se em forno de bom calor, durante 40 minutos. Cerca de 6 minutos



antes de se tirar a torta do forno, salpicase-a superficialmente com açúcar em ponto para formar uma camada caramelizada. Come-se quente ou fria, segundo o gosto de quem a faz.

De mulher para mulher

Preocupada — Não compreendo essa sua preocupação. Se a sua vida é feliz como diz numa família que a estima, qual o motivo que a traz assim neste estado de nervos? Da sua carta que denota um estado de espirito deprimido, deduzo que há um motivo, que não quer dizer. E' difficil recitar para um mal que se desconhece. Mas... ai vai. Dedique-se a uma obra em que o seu cérebro e o seu coração se interessem e verá como melhorará.

Marieta — Ter rugas aos 42 anos é tudo o que há de mais natural. Não se preocupe com essas pequenas rugas, que naturalmente ninguém vê. A verdadeira arte está em saber envelhecer sem preocupações de querer nova e fôrça. Em todas as idades se pode ser feliz sabendo adaptar-se a elas.

A alimentação e o caracter

UM médico inglês muito célebre no seu país afirma que a alimentação tem uma grande influencia não só na saúde física mas também no moral. Nos seus aturados estudos chegou à conclusão, que a carne de vaca torna as pessoas muito energicas.

A carne de porco faz pessimistas, o inocente carneiro torna melancólicos os seus amadores, a vitela, torna as creaturas, passivas e sem resistência. Ele notou que os maridos que se deixam bater pelas suas mulheres (mesmo no figurado) fazem um consumo excessivo de vitela assada. O uso do leite e das uvas desenvolve o espirito e a graça. As maçãs e as nozes são o alimento que convém e é preferido pelos intelectuais. As comuras dão uma esplendida disposição de espirito e tornam as pessoas bonitas.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 34

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

KÁBULA

N.º 24

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 17, Magnate; n.º 12, Bêbé

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 24 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan.

QUADRO DE MÉRITO

Salustiano, 20. — Rei-Luso, 20. — Só Na-Fer, 20. — Só Lemos, 20. — Sonhador, 20. — João Tavares Pereira, 20. — Ti-Beado, 16. — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 16.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 10

DECIFRAÇÕES

1 — Pira-rájá-pirajá. 2 — Ama-malhar-amalhar. 3 — Securo. 4 — Ferocidade. 5 — Taboca. 6 — Matacães. 7 — Mazorro. 8 — Pelopio. 9 — Chiado. 10 — Busca-três. 11 — Tágico-taco. 12 — Palmira-palra. 13 — Abismo-amó. 14 — Turuna-tuna. 15 — Mérito-meto. 16 — Alula. 17 — Deferência. 18 — Lida-dador-lidador. 19 — Rega-galo-regalo. 20 — *Catatau*. 21 — Jacatá. 22 — Falido-fado. 23 — Gatuna-gana. 24 — *Um dia não são dias*.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Nas penedias ando à vontade e com prazer. (1-2) 3.

Elvas Gigantezinho

2) Depois de sair do emprego é que gosto de andar bem-pósio. (2-2) 3.

Lisboa Lord X

3) Maria, vai ao aparador e traz o pãozinho que está na fruteira redonda. (2-2) 3.

Colares Maria Luíza

4) O mel dá saúde a uma variedade de doentes, ou mesmo a um homem desajeitado. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVISSIMAS

(Ao distinto charadista «Ti-Beado»)

5) Foi anulad' o decreto que autorizava compras *com* qualquer moeda de prata. — 2-1.

Leiria Kábula

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 43

(Ao Ignotus Sum, agradecendo e... desmentindo)

6) Você avança um bocado... e eu «luto» por convencê-lo de que nunca andei embriagado. — 2-1

Lisboa Lérias (T. E.)

7) Um soberano fica zangado se perde a partida em certo jogo de rapazes. — 1-3.

Luanda Ti-Beado

SINOPADAS

8) Quando ando embriagado nunca me entristeço. — 3-2.

Lisboa Ferjobatos

9) Lá por ter o «peixe» já estava entusiasmada. — 3-2.

Coimbra John Biffe (C. C. C.)

10) Carneiro velho não vale dinheiro. — 3-2.

Leiria Kábula

11) Que reles devoto! — 3-2.

Lisboa Lérias

12) Aquela briga à «vontade». — 3-2.

Lisboa Miúdo & Graúdo

13) «Quem cala consente», embora seja chefe de uma quadrilha de ciganos. — 3-2.

Luanda Ti-Beado

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

14) Manhãzinha. Passa airosa
A linda Micas do Céu,
Com vestido cor de rosa
Envolta num «fino véu». — 7-3-2-5.

Um aroma penetrante — 7-5-7-3.
Com «mistura» de baunilha — 7-5-6 2.

TRABALHOS DESENHADOS

23) ENIGMA FIGURADO
Leiria Kábula



Deixa a bela figurante
Ao passar. Que maravilh!

E lá vai indo ao «acaso» — 6-7-3-2.
Sòzinha, sem medo algum,
E pensei: — dar-se-á o caso
Que a Micas vá ter com ...?

Nisto sinto, de repente
Uma «voz», voz de trovão, — 3-4-1-2.
Que me causou, francamente,
Uma grande confusão.

Leiria Magnate

NOVISSIMAS

15) És um «crava» tóda a gente, — 2.
Com razão ou sem razão... — 1.
Solicitas falsamente
Um amparo — intrujão...

Lisboa Frei Satanáz

(Aos que pretendem caluniar-nos)

16) Alto lá, D. Quixotes do Edipismo,
que pretendes quebrar nossa união; — 1
precisas todos vós de sinapismo,
tódas as vossas pragas são em vão!...

Sempre unidos e bem disciplinados,
os componentes desta sociedade
não andam como vós — oh desgraçados —
que só sabeis urdir a falsidade.

Atendei bem, lama do charadismo!...
tremei, tremei, como se «um» feroz sismo — 1
vos fizesse tinir a dentadura.

Porque há alguém que sabe o bastante
p'ra vos tirar a «estima», num instante,
dos burlados p'la vossa impostura!...

Lisboa Micles de Tricles

ENIGMAS

17) No masculino
Governo sou
É muita «massa»
A gente dou...

No feminino,
Vejam agora,
O trabalhinho
Não tem demora.

Mas aumentando,
Fácil verão
Que eu apresento
Grande ostentação.

Coimbra José Tavares

18) Com duas letras
Ambas invogais,
Um certo abano
Decerto achais.

Luanda Ti-Beado

SINOPADAS

19) Lá porque andas carregado
De jóias, todó chilente
E tens dinheiro guardado,
Já te julgas importante! — 3-2.
Caldas da Rainha Rei Pavor

20) Predestinado assim
Para sofrer esta sorte,
Sem ter quem vele por mim,
Eu só peço a Deus a morte. — 3-2.
Lisboa Dama Negra

21) Meninas de Portugal
Está vago o meu coração
De poeta sem rival:
Há candidatas ou não? — 3-2.
Lisboa Lord X

22) Velho bairra de Lisboa
Cheio de encanto e tradição
Onde as guitarras gemendo
Nos falam ao coração.

A vida já me não pesa
Quando escuto noite fora
Teus queixumes evocando
As guitarradas de outoraa. — 3-2
Lisboa Mimi Bácia

Tóda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luz FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

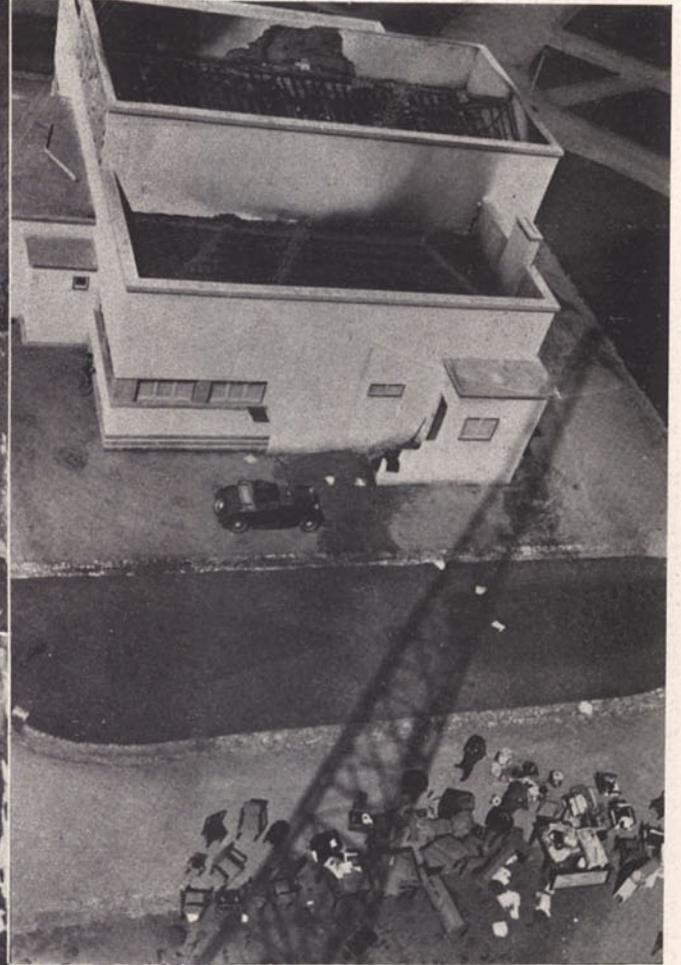
O VIOLENTO INCÊNDIO DO RADIO CLUB PORTUGUÊS

Na madrugada do dia 15 do corrente um incêndio de enorme violência destruiu, quasi por completo, as modernas instalações do Rádio Club Português, na Parede. O sinistro produziu-se de maneira fulminante. Uma hora depois do fogo se ter declarado as chamas tinham consumido tudo, só restando de pé as tórres da antena e as paredes ennegrecidas.

Entre os objectos que o fogo destruiu figuram microfones, um relógio-carrilhão avaliado em três mil escudos, quasi todo o material de emissão, um magnifico piano e outros instrumentos



Ao alto: O belo edificio do Rádio Club — Por baixo: Três aspectos do mesmo apos o terrivel incêndio



musicais, mobiliário diverso, entre o qual mais de 200 cadeiras, e uma colecção de cerca de 700 discos, alguns deles raros.

O «Rádio Club Português» representava o produto dum louvável e meritório esforço particular. A sua iniciativa deve-se ao capitão sr. Botelho Moniz que, não se poupando a sacrificios, conseguiu fazer construir na Parede um belo edificio e instalar nêle dois postos emissores poderosos.

O doloroso contratempo não quebrou, porém, as energias dos que se encontram à frente desta iniciativa e estão a desenvolver-se grandes esforços para que a reconstrucção se faça o mais rapidamente possível.



Um dos filhos do imperador da Abissínia, pratica um «box» mais para o fotógrafo fixar o que para seu aproveitamento

A França sofreu no seu recente encontro em atletismo com a Alemanha, a mais pesada derrota de que há memória, não só no historial das suas competições internacionais, como de todas as lutas entre seleções nacionais de países considerados grandes na especialidade.

Basta dizer, para esclarecimento, que nas quinze provas disputadas com a participação de dois homens por país, os alemães ganharam todos os primeiros lugares, deixando para os adversários apenas seis segundas classificações, nos 400, 1500 e 5000 metros, nos saltos em comprimento e à vara, e no lançamento do disco.

A contagem final dos pontos traduziu a diferença de valores por 102 a 48, mais do dobro a favor dos germânicos, notando-se ainda que dos pontos contados aos franceses, 12 correspondem a últimos classificados, portanto sem mérito desportivo, coisa que apenas duas vezes sucedeu aos alemães.

Para o brío desportivo da França, o xeque deve ter sido rude, e, por uma ligação de pensamento, faz-nos recordar o pesado desaire sofrido há ano e meio em Madrid pelo nosso grupo representativo em football. Nessa ocasião, surgiram por alguns jornais artigos alarmados de patriotêlhos de ocasião, clamando indignados o atentado contra o bom nome da nação, porque num campo de desporto onze homens não puderam evitar a materialização da superioridade técnica de onze outros.

A imprensa francesa deu-nos, agora, uma esplêndida lição de dignidade e calma, colocando os factos nas suas devidas proporções e procurando, acima

de vãs recriminações ou gritos de alarme desproporcionados, apontar as verdadeiras causas da derrota sofrida. Por curiosa coincidência, verifica-se que a argumentação francesa serve como uma luva, ao caso português; dizem-no claramente as palavras seguintes, nas quais o diário «L'Auto» resumiu, com notável propriedade, a sua crítica:

«A lição do França-Alemanha?»

Não é preciso ser grande sábio para a compreender.

Uma nação consciente da importância do papel da educação física na educação geral;

Uma nação cujos governantes sabem impôr ao povo uma lei educativa, mandar com autoridade, dirigir com clarividência;

Uma nação onde a educação física na escola não é uma fórmula vã, onde o desporto é considerado um benefício social e não apenas uma distração inferior reservada a espíritos inferiores;

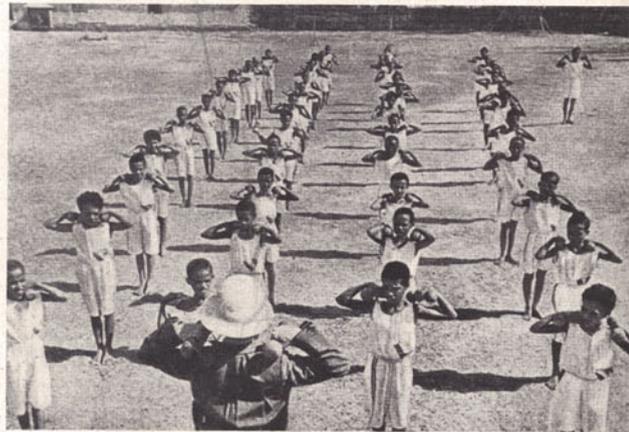
Uma nação onde cada um sabe assumir as suas responsabilidades;

Esta nação terá sempre uma raça mais forte.

Na Itália, na Rússia, na Alemanha, países de autoridade única, como na Inglaterra e nos Estados- Unidos, países democráticos mas onde o desporto é convenientemente dirigido, os resultados são edificantes.

Na França, também o são, mas em sentido inverso.

Porque se espera, para dar ao ministro francez dos desportos os meios ne-



Uma classe de ginmástica na Abissínia, onde o ardor do sol não impede a energia «sotica» dos movimentos.

A QUINZENA DESPORTIVA

cessários ao cumprimento da sua missão?»

É só mudar o nome do país, e parece que estas frases foram escritas para nós!

A 6.^a Volta a Portugal em bicicleta não morreu ainda no interesse público e não é despropósito apreciar ainda, sem a precipitação dos comentários imediatos, os ensinamentos que a grande prova nos deixou.

A primeira verdade a apontar é que a propaganda dos anos anteriores deu resultados consideráveis.

O entusiasmo do público segue em curva ascendente e aqueles que, como nós, há quatro anos acompanham a corrida dos ciclistas pelas estradas de Portugal, sentem que a Volta ultrapassou os limites simples do campo desportivo, para ser, na vida portuguesa, um acontecimento de ordem social ansiosamente esperado e que revolucionou a pacata monotonia da existência provincialiana.

As grandes cidades dispensam à prova um acolhimento entusiástico, esvaziam-se de habitantes para a berma das estradas próximas e passeios das ruas que os ciclistas hão-de atravessar, mas muito mais característico é o fervor dos camponeses, dos aldeões, dessa gente que nos aparece nas regiões mais isoladas do território e seguem com alvoroço a passagem dos atletas, vivendo nesse breve minuto, o instante mais emotivo da sua existência anual.

Está provado que o interesse pela Volta não depende destas ou daquelas circunstâncias especiais, e se prende directamente à própria estrutura da prova.

Nas épocas anteriores, o entusiasmo popular vibrara em torno do prestígio

de dois homens, que eram seus ídolos: Nicolau e Trindade, cujo embate se esperava esta época, também, como o mais sensacional elemento da luta. Afinal um deles não chegou a partir e o outro baqueou às primeiras jornadas, incapaz de acompanhar aabalada audaciosa dos adversários mais moços; poderia parecer que o interesse popular resfriaria, e no entanto os factos demonstraram o inverso. O crescente fervor das multidões certifiquei que a prova tem poder emotivo próprio, permitindo-lhe exercer sobre o espírito do povo a mesma influência atractiva, sejam quais forem as condições em que decorra.

A 6.^a edição da Volta, talhada em moldes que representam, em relação às anteriores, uma evolução progressiva, superior-as em prestígio, em regularidade e em entusiasmo. Podemos considerá-la definitivamente consagrada pelo meio e julgado com o devido apreço e esforço e sacrifício dos organizadores.

O público, que é afinal o supremo juiz, lavrou a sua sentença, e esta foi absolutamente favorável.

A Volta passou à categoria de prova clássica e o calendário desportivo nacional não pôde prescindir da sua realização.

Os factos testemunham quanto tem contribuído para o progresso do ciclismo, para a difusão da ideia desportiva,



Malcolm Campbell, ao volante do Passaro Azul, com o qual acaba de bater o recorde do mundo da velocidade em automóvel

e até para a propaganda do turismo e a divulgação das belezas pitorescas do nosso Portugal.

Por seu intermédio se movimentam milhares de pessoas, giram no comércio e na indústria regionais somas avultadas, e se prende durante quinze dias a atenção popular sobre o assunto que bem aproveitado pôde proporcionar importantes benefícios em consequências reflexas.

Os ciclistas da Volta são os cruzados do desporto, um desporto espectacular e possivelmente alheio a normas pedagógicas, mas excelente como meio de propaganda, da qual poderão depois colher resultados úteis os dirigentes e professores de são critério.

A Abissínia, que os assaltos cubiçosos da Itália puzeram em foco no «écran» da



Os finalistas do campeonato de «water-balls» no Estoril. De pé a equipa vencedora

actualidade, é um país onde a educação física e o desporto conhecem já uma certa expansão, embora sob aspectos rudimentares e no mais completo alheamento das competições internacionais.

O agente de ligação inicial entre a cultura física e o povo abexim, foi a necessidade da preparação militar e o adiestramento dos soldados, impossível sem o recurso dos exercícios desportivos. A família imperial tomou a direcção superior do movimento e em Adis-Abeba têm já sido organizadas diversas festas

populares de ginmástica, re-ervadas na maioria às crianças.

O desporto feminino português enveredou este ano por nova modalidade, caminhando em progresso e expansão tais que se pode dizer que o ciclismo, pois é dele que se trata, é já uma das modalidades preferidas pelas mulheres do nosso país.

A propaganda começou pelo ciclismo, e enveredou depois pela competição desportiva propriamente dita, efectuando-se diversas corridas em pista e em estrada. É interessante focar que as praticantes do ciclismo se encontram não só em Lisboa, como também no Porto, Algarve, Figueira, etc.

Esta corrente de simpatia é digna de ser acarinhada e criteriosamente guiada, pois o ciclismo é, um desporto dos mais higiénicos e sem inconvenientes para a prática feminina.

Salazar Carreira.



Uma corrida onde a velocidade e por certo inferior a do «Passaro Azul», mas entre cujos competidores estará talvez o sucessor de Campbell

Bridge

(Problema)

Espadas — 8
Copas — A., D., 7.
Ouros — A., 2.
Paus — 5, 3.

Espadas — R., 6. **N** Espadas — 10, 9, 7, 5.
Copas — R., V. **O** Copas — 6, 5, 4.
Ouros — 9, 7. **E** Ouros — 10.
Paus — V., 8. **S** Paus — ———.

Espadas — A., D., V., 3.
Copas — 10, 9, 8.
Ouros — ———.
Paus — R.

Trunfo é copas. S joga. N e S devem fazer as vasas tôdas.

(Solução do número anterior)

S joga o 2 de copas e deixa fazer a vasa a O ou E baldando-se N ao 3 de ouros.

É indiferente a carta que jogar quem fizer a vasa.

Se jogam ouros, N faz o Az de ouros e joga o 3 de paus que S corta, jogando em seguida o 3 de copas que N corta e joga o 4 de espadas.

Conforme as baldas de E e O, farão N e S 4 de paus e Rei de ouros ou 4 de copas e Rei de ouros.

Se O ou E jogam copas, N corta com o 3 de espadas e joga o 3 de paus que S corta com o 2 de espadas, jogando o 2 de ouros. N entra com o Az de ouros e joga o 4 de espadas, etc.

Se O ou E jogam paus, S corta com o 2 de espadas e joga o 3 de copas que N corta com o 3 de espadas jogando, em seguida, o Az de ouros e 4 de espadas, etc.

O bebê mais gordo do mundo

Lowestoff, em Inglaterra, orgulha-se de contar entre os seus habitantes o bebê mais gordo do mundo.

Leslie Bowes — assim se chama êle — que é filho dum pescador, tem 3 anos e pesa 51 quilos. Nunca esteve doente, possui, como é natural, um grande apetite, mas é tão gordo que não pode andar.

Os médicos vigiam cuidadosamente, o crescimento dêste fenómeno.

Espírito de economia



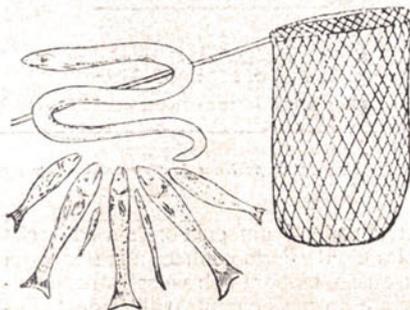
Elisa: — Ele é um bocado avarento, não é?
Lidia: — Avarento?! Imagina, quando eu lhe disse que gostava muito de flores, comprou-me um pacotinho de 30 centavos de sementes para eu própria as cultivar!

(Do The Happy Magazine.)

PIM DE PESTA

Boa pesca

(Passatempo)



Vejam lá se é possível que estes peixes todos tivessem sido pescados, de uma assentada só, com êste camaroeiro!

Assim diz quem os pescou mas dificilmente se acredita, pois à vista, não parece que êles lá caibam.

Para verificar se tal cousa será verdade, procurem os nossos leitores meter outra vez os peixes todos para dentro de camaroeiro, de modo que nenhum saia dele, nem no todo nem em parte, e, bem entendido, sem pôr um peixe em cima de outro; mas sim de modo que uma vez metidos todos êles, cada um se veja por inteiro.

João IV, duque de Barbante, foi quem, a instâncias de Ingelbert, de Nassau, fundou a Universidade de Louvaina, sob o pontificado de Martinho V. Mais tarde Filipe, o Bom, alcançou do papa Eugénio IV, o poder estabelecer nela uma faculdade de Teologia, o que Martinho V recusara a João IV, seu fundador.

Quantas páginas há aqui?

(Solução)

Cada volume tem 256 páginas.

Verificação:

Soma da 1. ^a e última pág. do 1. ^o	257
Soma da 1. ^a e última pág. do 2. ^o	257 + 512 = 769
Soma da 1. ^a e última pág. do 3. ^o	513 + 768 = 1.281
Soma da 1. ^a e última pág. do 4. ^o	769 + 1.024 = 1.793
Soma da 1. ^a e última pág. do 5. ^o	1.025 + 1.280 = 2.305
Soma da 1. ^a e última pág. do 6. ^o	1.281 + 1.536 = 2.817
Total.....	9.222

Xadrez

(Solução)

1 D — 6 B	2 D × P R +	3 C — +
R × C	R — 3 B	M.
-----	D × P +	D — 5 B +
B × C	R — 6 B	M.
-----	C — 2 R	D × P T +
P × C	R — 6 D	M.
-----	D × P R +	C — +
T — 3 B	R — 5 B	M.

Um duelo original

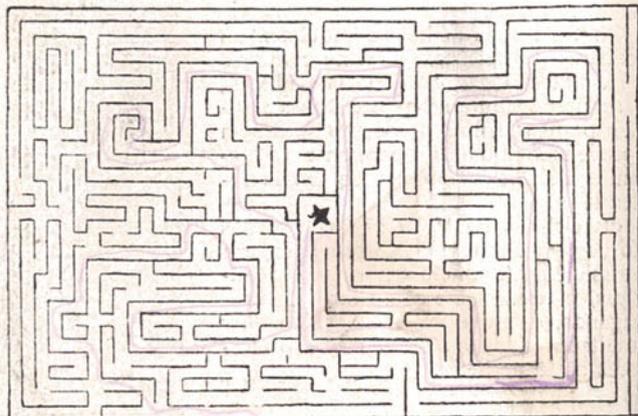
O escritor francês Saint-Beuve teve uma pendência de honra com um dos accionistas do jornal em que colaborava. Trocaram-se alguns sócios e o duelo tornou-se iminente. Ao chegarem os adversários ao terreno, chovia torrencialmente. O desafio foi à pistola. Estando já em guarda os combatentes, Saint-Beuve disparou para o ar e em seguida, abrindo o guarda-chuva permaneceu imóvel como uma estátua.

Os padrinhos protestaram contra aquela excentricidade porém o duelista sustentou o direito que lhe cabia de não se molhar: — Eu venho aqui para que me matem, mas em seco observei êle.

Não houve remédio senão accitar aquela estranha condição que em nada se opunha à seriedade do duelo.

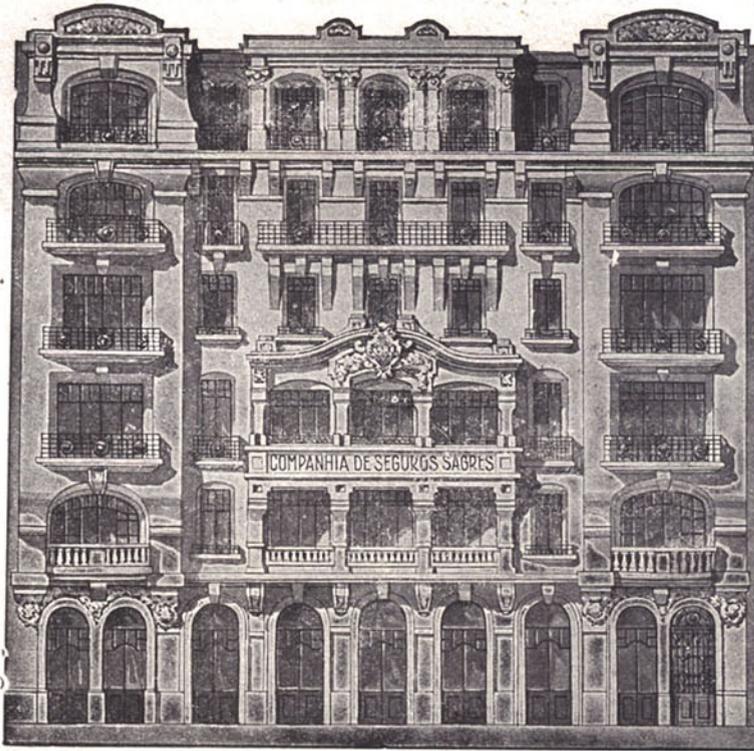
Felizmente trocaram-se quatro projecteis sem resultado.

Labirinto



ENTRADA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

*Um livro patriótico que desperta
nas crianças o gosto pela História*

PORTUGUESES DE OUTRORA

HISTÓRIA DE PORTUGAL CONTADA POR CRIANÇAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.ª EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa
a cores **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Acaba de sair a 2.ª edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12\$00** enc. . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.º milhar da

ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor *Roberto*,
brochado **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por **AQUILINO RIBEIRO**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado **10\$00**

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **A roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Videira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O catatismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A Jangada, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
- 44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrêla do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
César Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentos**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROÁ — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 407 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA